

FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

**GABRIEL SILVA RIBEIRO**

CRISE GLOBAL E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO LOCAL:  
OS IMPACTOS DA CRISE ECONÔMICA MUNDIAL EM NIQUELÂNDIA/GO

SÃO PAULO

2019

GABRIEL SILVA RIBEIRO

CRISE GLOBAL E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO  
LOCAL: os impactos da crise econômica mundial em  
Niquelândia/go

Dissertação apresentada ao curso Maestría Estado,  
Gobierno y Políticas Públicas da Faculdade Latino-  
Americana de Ciências Sociais e Fundação Perseu  
Abramo, como parte dos requisitos necessários à  
obtenção do título de Magíster en Estado, Gobierno y  
Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Arantes dos Santos

São Paulo

2019

## Ficha Catalográfica

RIBEIRO, Gabriel Silva

Crise global e desenvolvimento econômico local: os impactos da crise econômica mundial em Niquelândia/GO / Gabriel Silva Ribeiro. São Paulo: FLACSO/FPA, 2019.

74 f.:il

Dissertação (Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas), Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas, 2019.

Orientador/a: Flávio Arantes dos Santos

Gabriel Silva Ribeiro

Crise global e desenvolvimento econômico local: os impactos da crise econômica mundial em Niquelândia/GO.

Dissertação apresentada ao curso Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas, Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas.

Aprovada em

---

Prof./Dr. orientador/a. Flávio Arantes dos Santos/a orientador/a  
FLACSO Brasil/FPA

---

Prof. Dr. Gabriel Vieira Mandarinó  
Faculdade Unida de Suzano (Unisuz)

---

Prof. Ms. Arthur Welle  
. Pesquisador do CECON/CESIT Instituto de Economia – UNICAMP

---

Prof. Ms. Felipe da Roz (suplente)  
Pesquisador do CECON – Instituto de Economia – UNICAMP

## SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	5
AGRADECIMENTOS.....	6
INTRODUÇÃO .....	7
- HISTÓRICO DAS <i>COMMODITIES</i> E A INFLUÊNCIA NO BRASIL .....	9
- SUPERCICLO .....	15
- A FORMAÇÃO DO SUPERCICLO DE 2000.....	18
CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA DE NIQUELÂNDIA.....	22
1.1 O PODER PÚBLICO MUNICIPAL .....	26
1.2 A MINERAÇÃO E A ECONOMIA DE NIQUELÂNDIA .....	27
CAPÍTULO 2: ECONOMIA ATUAL DO MUNICÍPIO DE NIQUELÂNDIA.....	33
CAPÍTULO 3: COMPARAÇÃO ENTRE NIQUELÂNDIA E BARRO ALTO .....	41
CAPÍTULO 4: PERCEPÇÃO DOS ATORES LOCAIS E INICIATIVAS DE NIQUELÂNDIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL .....	48
4.1 PERCEPÇÃO .....	48
4.2 PACTO.....	64
CONCLUSÃO .....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: .....	72

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar eu agradeço à minha mãe, Alvanir, e à minha tia, Alcione. Elas sempre disseram que “filho de pobre tem que estudar”, e se orgulham em contar para o mundo sobre minhas poucas conquistas acadêmicas, como se fossem heroicas, as vezes até para o meu constrangimento.

Também à Fundação Perseu Abramo, à Flacso e ao Partido dos Trabalhadores. Sem essas organizações, eu jamais poderia estudar e ter a possibilidade de me tornar um mestre.

Ao meu orientador, professor Flávio e à Andreia, coordenadora do Curso, eu agradeço a paciência.

Aos meus colegas de turma, agradeço a parceria, principalmente à companheira professora Márcia que me apoiou em momentos bem difíceis.

Ao Jorge eu agradeço por ler meus textos e identificar os erros de grafia e concordância.

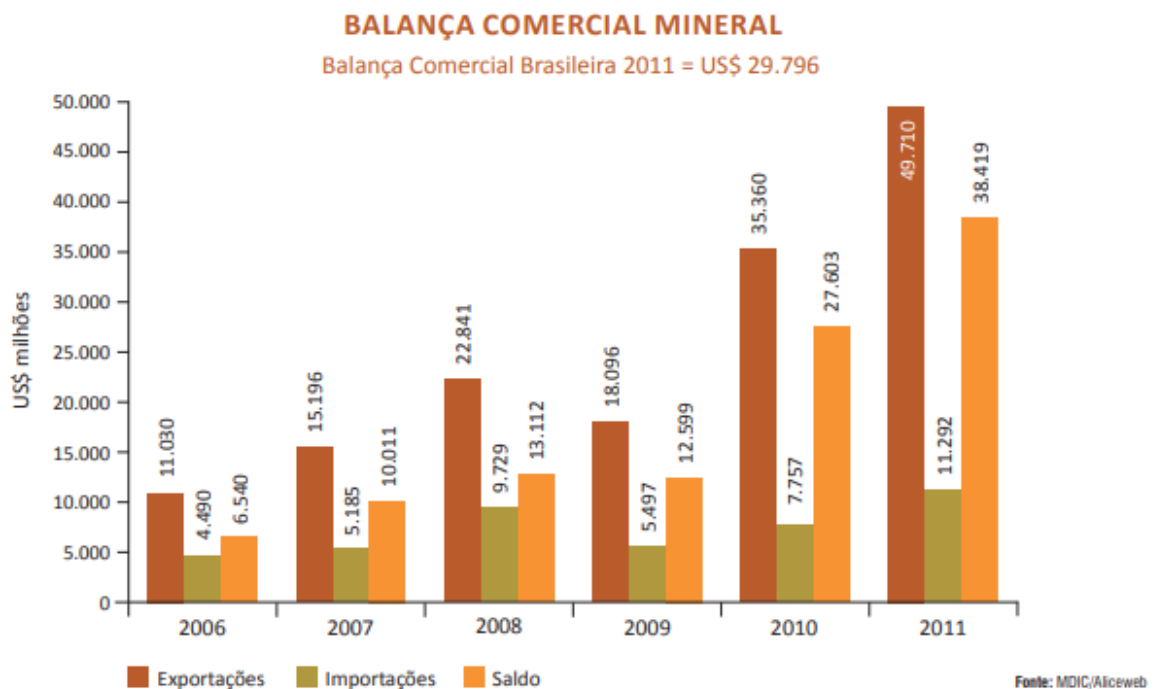
Às amigas e aos amigos de Niquelândia, agradeço a valiosa contribuição. Espero que o presente estudo seja útil para suas lutas cotidianas e que possa, também, ser utilizado enquanto referência para todas as cidades mineradoras do Brasil.

## INTRODUÇÃO

Os casos como de Mariana e Brumadinho trouxeram para o centro do debate no Brasil os desafios dos municípios que têm a mineração como principal atividade econômica. Embora Mariana e Brumadinho tenham se destacado por tragédias ambientais que também se tornaram sociais, os desafios econômicos e os impactos da mineração nas economias dos territórios onde atuam são um desafio de caráter nacional. A própria dinâmica econômica das *commodities* na economia mundial impacta diretamente a mineração e os municípios que vivem dela.

O Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de minérios do mundo. O índice de crescimento econômico mundial elevado a partir dos anos 2000, que gerou uma crescente demanda por recursos de mineração e impulsionou a indústria mineradora brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM, 2012a), a produção mineral brasileira cresceu 550% entre 2001 e 2011, em 2009 sofreu uma queda de 14% em relação ao ano anterior.

Figura 1



O objetivo desta dissertação é exatamente tentar compreender como um município no interior de Goiás, Niquelândia, historicamente dependente da atividade

mineradora, foi impactado pela crise econômica mundial que se iniciou em 2008, e como os atores locais estão construindo possibilidades de reação a essa crise.

Por participar de um projeto de desenvolvimento econômico de cidades impactadas por mineradoras, Niquelândia passava por uma crise severa por conta da mineradora que decidiu encerrar suas operações na cidade, com o intuito de desenvolver no território as potencialidades para gerar arrecadação para a cidade. Essa dissertação aborda como o superciclo das commodities afetou Niquelândia e como a cidade conseguiu reagir ao fim do superciclo, principalmente por parte das lideranças.

Aqui serão apresentadas algumas definições e questões históricas, para situar o debate. Pontos essenciais sobre o funcionamento do Capitalismo, como a propriedade privada dos meios de produção, o mercado de trabalho e a troca de produtos serão abordados no sentido de contextualizar o presente estudo com os termos globais, em curso na sociedade contemporânea. As definições de *commodities* como produtos de origem primária, também são trazidas neste Capítulo, com vistas a indicar os três superciclos na economia mundial, e como eles estão entrelaçados com os períodos históricos do Brasil, influenciando várias das escolhas de políticas econômicas em cada uma de suas épocas.

No Capítulo 1 a dissertação resgata a origem mineradora do território de Niquelândia e como essa dinâmica influenciou sua formação política e cultural. Antes mesmo da fundação do Município, em 1735, já havia várias atividades de exploração e garimpo. A necessidade de mão de obra para o garimpo, durante séculos, fez com que milhares de negros escravizados fossem levados para Niquelândia e, ainda hoje, existe a presença de “Igrejas Negras” na cidade e a própria Congada é tida como uma combinação de rituais de matriz africana com rituais católicos.

Também tem por objetivo começar a analisar a importância econômica da mineração para o Município, partindo da base da CFEM (Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais) na arrecadação do poder público municipal, e como ela vem sofrendo quedas nos últimos anos.

O Capítulo 2 aborda as questões do emprego, salário, quantidade de firmas, Produto Interno Bruto (PIB), comparado através dos anos, a posição em relação ao PIB de Niquelândia no Estado de Goiás, o peso de cada atividade econômica e as



admissões e demissões como formas de analisar as diversas maneiras que o território sofreu os impactos da crise econômica mundial de 2008.

No Capítulo 3 a dissertação pretende comparar Niquelândia e Bairro Alto, duas cidades vizinhas, que compartilham de recursos naturais parecidos, mas têm trajetórias econômicas diferentes.

O Capítulo 4 apresenta 8 entrevistas com lideranças locais da cidade. Elas contam a partir das suas narrativas como a crise atingiu Niquelândia e quais os elementos que geraram esse processo, como a mineração contribuiu para o desenvolvimento do território e como a economia local estava completamente ligada à atividade mineradora. Os atores e atrizes também narram as iniciativas locais para enfrentar a situação, em destaque o Pacto de Cooperação pelo Desenvolvimento de Niquelândia que, desde 2015, articula várias iniciativas para construir alternativas econômicas para a cidade.

Na conclusão, a dissertação apresenta o desenvolvimento econômico também como um processo social, e embora na economia capitalista países, estados e cidades tenham praticamente papéis pré-determinados pela lógica de mercado, as iniciativas locais podem recolocar os territórios em novos lugares.

## - HISTÓRICO DAS *COMMODITIES* E A INFLUÊNCIA NO BRASIL

O desenvolvimento da economia capitalista ao redor do mundo fundamenta-se em preceitos teleológicos de ampla repercussão. Entendendo a economia como “Ciência que estuda os fenômenos de produção, distribuição e consumo de bens e serviços, com o intuito de promover o bem-estar da comunidade;” (Dicionário online Michaelis, 2018), logo se chega à conclusão de que o capitalismo é basicamente uma maneira de organizar a economia.

De acordo com Peschanski (Blog da Boitempo, 2012), a economia capitalista pode ser compreendida a partir de três elementos-chave: “*a propriedade privada dos meios de produção, o mercado de trabalho e a troca de produtos num mercado visando ao lucro*”. Considerando a temática central proposta, a presente dissertação trata fundamentalmente do terceiro aspecto. Nesse sentido ainda, é possível definir lucro como o “*Ganho que se obtém, resultante da diferença entre a receita e o custo de produção*” (Dicionário online Michaelis, 2018).

Partindo, portanto, do incremento das relações econômicas e dessa busca incessante por lucro (inadvertidamente a principal marca do sistema capitalista), é possível observar um conjunto de expedientes de ordem operacional voltados para viabilizar as trocas comerciais nesses marcos.

O estabelecimento de uma moeda, por exemplo, envolve um processo de convenção social, em que os participantes dessa sociedade acordam a padronização de valores fictícios a partir da dita moeda. Os recursos não serão igualados, de maneira que a partir de uma série de valores o produto A será mais ou menos valorizado que o produto B, mas haverá uma uniformização na maneira de troca. Ou seja, tanto ao produto A quanto ao B serão estabelecidos um valor (ficção econômica), que servirá de base para as operações.

Nas mesmas diretrizes do advento da moeda, o ser humano desenvolveu a necessidade de transacionar determinados produtos que, por limitações físicas ou operacionais, não poderiam estar disponíveis em um mercado comum, posto a necessidade de dimensionamento de quantidade/qualidade, além do estabelecimento de regras de comércio bem específicas.

Visando, portanto, à criação de um mercado especial que, para além de relações de compra e venda, livres e diretas, fosse possível negociar distintos recursos, inclusive os de especulação financeira (lucro a partir de lucro, independente de produção), criam-se as bolsas de valores, trazendo assim, para esse universo a perspectiva da negociabilidade global.

No caso dos produtos de origem primária, que geralmente são comercializados em seu estado bruto ou com um mínimo grau de industrialização, também existe a necessidade de padronização. Seria muito difícil comercializar tais produtos sem controle de qualidade, sem paralelos monetários ou ainda sem condições mínimas de cotação global. Nessa perspectiva, cunhou-se o termo *commodity*, que são mercadorias de relevância mundial, que têm seu preço afetado pela oferta e pela procura internacional e passam por algum tipo de uniformização, de maneira que sua matéria seja similar em todos os lugares em que são negociadas, isto é, dispõem de negociabilidade global.

Nesse contexto, é conveniente fazer uma breve retrospectiva sobre o mercado, possibilitando assim alguns termos de comparação. Cabe ressaltar que as discussões acerca do tema são largamente difusas, de maneira que até mesmo as ferramentas de análise em termos de índices e indicadores são controversas.

De acordo com Scandizzo e Diakiosawas (1987 apud HJORT, 1987, p. 4):

[...] controversies on issues of terms of trade of primary commodities- and, by extension, on trade-based development prospects of developing subject, or rather the subjects, are elusive on account of the multiplicity of theoretical measures, and data sets on which these can be applied, as well as the different welfare interpretation each of these measures possesses.

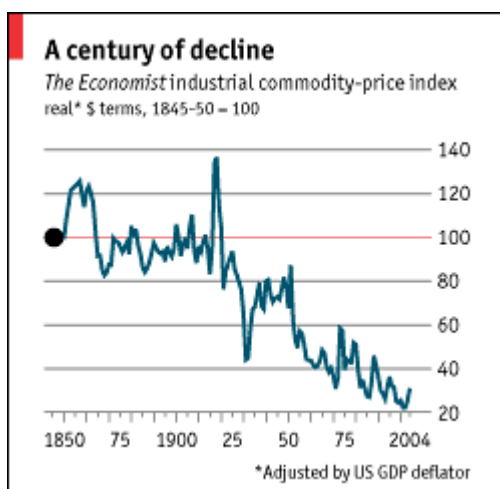
Assim sendo, a presente dissertação lançará mão de fontes diversificadas (índices e dados), de acordo com o prisma da discussão abordada.

Já de início, para compreender o comportamento das *commodities* ao longo dos séculos, segundo Grilli e Yang (1988), apenas dois índices permitem tal exercício com efetividade:

There are several indexes of nonfuel commodity prices, but only the Economist Index (EI) and the W. A. Lewis Index (WALII) cover a sufficient amount of time to be useful in analyzing commodity price movements in the long run (Lewis 1952 ; and The Economist 1974). (Grilli e Yang, 1988, p. 2 e 3).

Ocorre que ambos os índices são desenvolvidos por grupos privados e, portanto, os dados brutos disponíveis não são de acesso público, restando apenas as projeções publicadas, como a da figura 1, que indica a tendência de queda secular das *commodities* entre 1850 e 2004.

**Figura 2**



Fonte: The Economist (2005)<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Disponível em < <http://www.economist.com/node/3651836> >

Fica evidente, além do processo de queda sistemática no preço das *commodities* no longo-prazo, o caráter da volatilidade que, de acordo com Sandroni (1999, p.635), é a

Medida da intensidade e frequência das flutuações dos preços de um ativo financeiro ou dos índices numa Bolsa de Valores. É o desvio padrão das mudanças do logaritmo dos preços de um ativo (financeiro), expressos numa taxa anual[...],

de forma que tais variações geram consequências para as economias das nações envolvidas.

Tais consequências são sentidas de maneira diferente, a se considerar a caracterização do país relacionado. Para lidar com essa questão, uma grande referência é a teoria do renomado economista Raúl Prebisch, um dos maiores expoentes do pensamento econômico sobre o desenvolvimento da América Latina. Conforme afirma Couto (2017, pag. 66):

Enquanto no século XIX Simón Bolívar e seus amigos abriram o caminho para a independência política dos países latino-americanos, Raúl Prebisch, no século XX, foi o responsável por libertar estes mesmos países das ideias econômicas oriundas do mundo rico e industrializado da Europa e dos Estados Unidos.

Buscando, portanto, caracterizar a economia dos países de acordo com sua matriz de produção, Prebisch lança as bases de seu “sistema centro-periferia”, que ganha importantes adesões no contexto da discussão econômica (no Brasil, por exemplo: Celso Furtado e Maria da Conceição Tavares). Em suma, o sistema apresenta como Centro os países desenvolvidos, que exportam bens manufaturados e, como Periferia, os países subdesenvolvidos, exportadores de produtos primários (COUTO, 2017, pag. 77).

No caso das economias de saliência industrial, sua cesta de produtos negociados incluem fundamentalmente bens intermediários ou finais (ainda que algumas nações detenham um *mix* que inclui parcelas significativas de bens primários). Na definição de Sandroni (1999, pag.52), bens intermediários são: “*bens manufaturados ou matérias-primas processadas que são empregados para a produção de outros bens ou produtos finais[...]*” ou ainda “[...] *insumos que em geral uma empresa compra de outra para elaboração dos produtos de sua especialidade*”.

Já as economias estruturadas na produção primária, assim o são não por escolha equânime, mas geralmente por ser o caminho possível para que negociem em termos globais. Destaque-se que a produção industrial de bens intermediários ou finais, envolve processo de grande investimento econômico, além de relações econômicas que permitam a efetiva comercialização de tais bens. Assim, Sandroni (1999, pag. 498), define os primários como:

Bens produzidos em atividades agropecuárias ou resultantes de extração mineral e vegetal. São produtos originários, portanto, do setor primário da produção. A produção de produtos primários é em geral predominante na economia e especialmente nas exportações dos países subdesenvolvidos. Na maioria das vezes, destinam-se ao mercado externo e seus preços costumam sofrer grandes oscilações, ao contrário dos produtos manufaturados.

Essas grandes oscilações, tratadas pela economia sob a insígnia da volatilidade, geram em ambos os cenários (países de centro e periferia) diferentes implicações.

Ainda delineando as distinções entre os dois polos, Árabe (2003, pag. 186 e187), afirma:

As estruturas produtivas centrais se caracterizam por sua homogeneidade em termos de produtividade e pela diversidade de seus ramos produtivos. Concentram a capacidade de geração de progresso técnico e de acumulação de capital. A periferia, de outro lado, expressa uma estrutura heterogênea na sua produtividade e um importante grau de especialização.

Desse modo, o fundamento da teoria de Prebisch (1949) que orienta as bases da respectiva dissertação, é essa compreensão sobre as conformações de centro e periferia, e a conseqüente associação com nações industrializadas e nações eminentemente produtoras de bens primários.

Seria razoável supor, considerando as etapas de produção, que todos os bens (primários, intermediários e finais) são igualmente fundamentais e, portanto, têm igual valor. No entanto, Prebisch (1949) apresenta uma obra sobre o desenvolvimento econômico da América Latina (publicado pela CEPAL em 1962 como "O Desenvolvimento Econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais"), em que sua conclusão essencial é que os termos de troca (relação entre o valor das importações e o valor das exportações) das *commodities* primárias face aos bens manufaturados sofriam consistente prejuízo. Independente

do método analisado (tipo de índice de preço ou deflator), tal tendência se acentua no decorrer do século, crescendo-se ainda alta volatilidade dos preços.

Para os países de periferia as flutuações causam ciclicamente deteriorações na economia bem mais destacadas que as interferências nos países de centro (industrializados) ou, ainda conforme Prebisch (1962, pag. 80):

[...]os benefícios do progresso técnico concentraram-se principalmente nos centros industrializados, sem serem transpostos para os países que compõem a periferia do sistema econômico mundial.

Árabe (2003, pag.187) assevera, à vista disso, que

Dessa assimetria e das dinâmicas daí geradas resulta um desenvolvimento desigual. Por isso, o subdesenvolvimento não é um estágio anterior ao desenvolvimento, mas simultâneo no tempo histórico.

Logo, as relações em que, de um lado, aparecem os bens primários e, do outro, os bens intermediários e finais, ocorrem sob a égide da desigualdade nos termos de troca, de maneira que a volatilidade (atributo típico do mercado de *commodities*) promove um cenário de permanente instabilidade e crises cíclicas nos países periféricos. Por isso, o professor Ricardo Carneiro, afirma que *“para países muito dependentes das commodities – caso dos latino-americanos – o principal efeito da volatilidade seria a redução das taxas de investimento e do crescimento a longo prazo”*<sup>2</sup>.

Segundo a Conferência da ONU sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2014), dois terços dos países subdesenvolvidos são dependentes da exportação de matérias-primas. O mesmo órgão indica que em 2013 as exportações do Brasil eram compostas de 60% de *commodities*.

Enquanto isso, as nações industriais lidam com um cenário de menos atribuições, em que, por serem detentoras da tecnologia, e por atuarem globalmente a partir de várias estratégias de manutenção do poder (desde políticas econômicas até disposição bélica), posicionam-se em termos hierárquicos com superioridade em relação às de produção primária. Destacando, aliás, que essa produção de *commodities* fica permanentemente subjugada aos interesses dessas

---

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://www.valor.com.br/valor-veste/casa-das-caldeiras/2514210/commodities-e-suas-implicacoes>>

nações centrais, de forma que, a partir da acumulação histórica de capitais e da constituição desses expedientes, o poder tende a não mudar de “mãos”.

## - SUPERCICLO

Conforme abordado anteriormente, o efeito dos ganhos especulativos de *commodities* nas bolsas são diferenciados entre as nações centrais e as periféricas. Nesse sentido, torna-se necessário tratar dos diversos períodos no que tange à volatilidade no mercado de primários, com especial atenção para os chamados superciclos, objeto central da dissertação em curso.

De maneira geral, superciclo é toda elevação de preço que se mantém por períodos consideráveis e que envolve um conjunto de mercadorias. Ou ainda, conforme Jacks (2013, apud FURTADO e URIAS, 2013, p.233):

[...] movimentos de preços associados a choques de demanda relacionados a fenômenos de industrialização em massa e urbanização, que acontecem em um contexto de capacidade de produção restringida em muitas categorias de produto. Sendo assim, os preços reais das *commodities* podem se elevar acima da tendência durante anos ou mesmo décadas.

A diferença fundamental de um superciclo para uma flutuação de curto prazo envolve, segundo Erten e Ocampo (2012), dois fatores. Primeiro, o período de duração, eminentemente longo, com anos ou até décadas de extensão. Em segundo lugar, são movimentos concomitantemente percorridos por uma ampla gama de *commodities*, principalmente insumos para produção industrial e desenvolvimento urbano de economias emergentes.

Ainda de acordo com Erten e Ocampo (2012), é possível localizar 4 grandes curvas, designadas como superciclos, na evolução histórica das *commodities* entre 1865-2009. Cada um desses intervalos possui motivações, características de constituição e duração muito específicas.

Na presente dissertação, para efeito de ilustração, compreendem-se os superciclos nos interregnos de explosão do consumo das *commodities*, caracterizados a partir da seguinte conformação:

Figura 3

## Índice de preços de commodities



Reprodução de levantamento do Itaú.  
 Fonte: Bureau of Labor Statistics e Bloomberg

O primeiro superciclo teve início em 1894, como consequência da industrialização e urbanização dos Estados Unidos, além das demandas da revolução tecnológica na ligação entre um século e outro como, por exemplo, da indústria automobilística. Até 1917 o crescimento foi imenso – especificamente no caso dos metais, o preço chegou a dobrar. De 1917 em diante a queda foi se acentuando, com profundas desvalorizações, ao passo que até 1932 houve uma queda em preço real das *commodities* de 54% na média.

O Brasil vivia o processo de superação do Império, a partir de sua Primeira República, que fora caracterizada pela agricultura de exportação, tendo o café como seu campeão de comercialização. A partir de 1980, e por quase 30 anos, a borracha da Amazônia foi o segundo produto de exportação, superando o açúcar.

O segundo superciclo começou em 1932, com movimentos ondulares de elevação e retração nos preços, atingindo seu pico em 1951 em função da reurbanização e reindustrialização da Europa no pós-Guerra. Nesses 19 anos as matérias-primas não energéticas subiram em média 72%, contrastando nos 20 anos seguintes com uma queda média de 43%.

No Brasil, esse período desenvolveu-se essencialmente no interím dos governos Vargas, sendo, portanto, marcado por forte promoção da indústria e considerável intervenção na economia. A valorização do café é uma determinante, com as famosas ações de compra e destruição de vultuosas quantidades para manter o preço em alta. As exportações eram realizadas majoritariamente para



Japão e Alemanha em grandes volumes, o que é interrompido com a II Guerra Mundial. Entre 1930 e 1945 o país registra 125% de crescimento da indústria ao ano. Durante a Guerra cai para 5,4.

Já o terceiro superciclo foi o mais curto de todos, sendo caracterizado entre 1971 e 1973,

[...]nesse período, os preços médios dos produtos primários não energéticos subiram 38,9%. Essa foi uma época de forte aceleração econômica. De acordo com dados do Banco Mundial, a taxa de crescimento do PIB mundial saltou de 3,77%, em 1970, para 6,19% em 1973. Os Estados Unidos, que haviam crescido apenas 0,2% em 1970, alcançaram taxas de 3,4%, 5,3% e 6% nos três anos seguintes. O período também encerrou a fase de crescimento mais agudo no Japão, alçado ao posto de segunda maior economia mundial. (FURTADO e URIAS, 2013, p. 235)

O Brasil vivia nesse período a ditadura militar, primeiramente marcada pela alta inflação e baixíssimo crescimento do Produto Nacional Bruto (PNB), posteriormente focada na dinamização das indústrias de construção civil e de bens de consumo duráveis (os voltados para as classes de alta renda como automóveis e eletrodomésticos), contando assim com recursos do capital externo, do empresariado brasileiro e do próprio Estado como agente econômico. Entre 1968 e 1973 o PNB cresce em média 10% ao ano (o milagre econômico, sustentado com o achatamento dos salários da classe trabalhadora, a ampliação do endividamento internacional e o aprofundamento das desigualdades entre pobres e ricos).

A partir de 1974, com a deterioração das condições internacionais, e a consequente diminuição significativa dos empréstimos e investimentos, o país entra em crise, somando-se também as demandas pela retomada da democracia.

Em seguida, em meados de 2002, a partir de uma alta extraordinária nos preços das matérias-primas, inicia-se o quarto superciclo das *commodities*. Tendo como base o crescimento da China e a consequente super demanda por bens primários para abastecer sua indústria, é o evento que servirá de base para considerações posteriores sobre crise econômica e desenvolvimento na presente dissertação, portanto, será abordado de maneira mais distintiva.

## - A FORMAÇÃO DO SUPERCICLO DE 2000

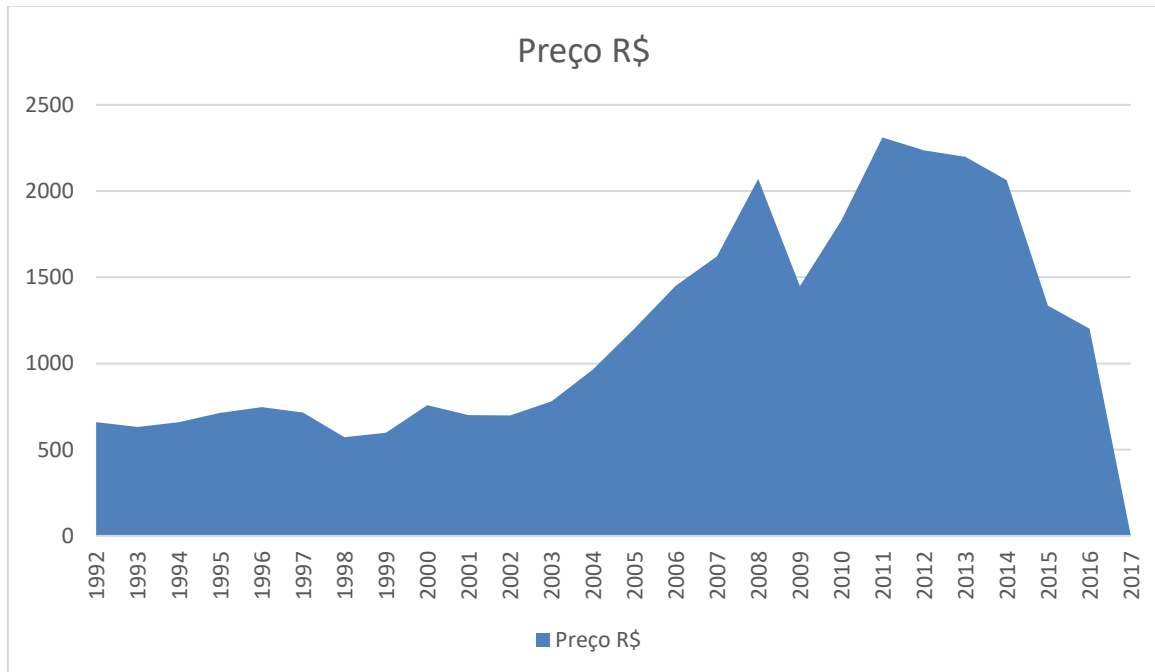
Com início estabelecido no ano de 2002, o respectivo superciclo trouxe consideráveis marcos para a indústria dos primários. As *commodities* não energéticas registraram, de acordo com FURTADO e URIAS (2013, p. 236), aumento de 81,3% até 2010, os metais subiram 202,4% até 2007, e o petróleo em 2008 chegou a marcar 466% em seu pico de um ano, o que fez com que o Banco Mundial considerasse o maior boom de *commodities* desde 1900.

O termo “efeito China”, em concordância com Black (2013), foi cunhado justamente para justificar esse superciclo, posto que a principal motivação para tamanho aquecimento no mercado de *commodities* foi a escalada chinesa rumo ao crescimento econômico, consolidada em 2011 como a segunda economia do mundo, e sua consequente industrialização.

Ainda em conformidade com Black (2013), o mercado chinês dos primários lida com um cenário de deslocamento entre oferta e demanda, de forma que há um crescimento generalizado nas exportações (demanda), sendo consistentemente superior ao crescimento da produção (oferta), dado o cenário de queda nos preços das duas últimas décadas e a posterior falta de investimento global, restringindo assim sua expansão. Tais condições geram aos países produtores de matéria-prima, em termos imediatos, balança comercial favorável, mas limita seu crescimento em médio e longo prazo, pois não existem condições prévias para sustentar a ampliação da industrialização por exemplo.

A seguir, um levantamento do consumo de *commodities* em nível global, desde 1992 (a fonte base de dados faz o levantamento mensal, essa consolidação anual foi elaborada especificamente para a presente dissertação):

**Gráfico 1: Índice de todos os preços de commodity 2005 (All commodity price index) = 100 (unidade: \$) - inclui combustíveis e não combustíveis**



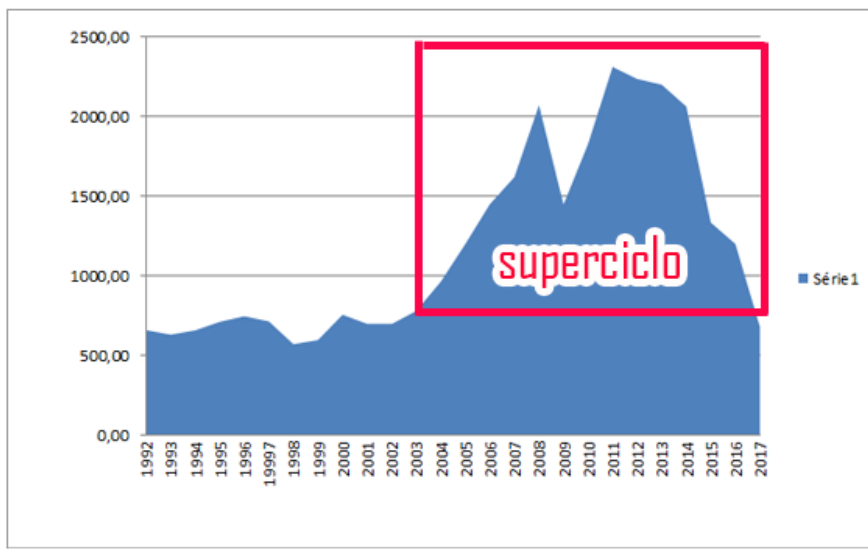
**Fonte: FMI (IMF Commodity Price Indices)<sup>3</sup>**

*\*Corresponde apenas ao intervalo 2017.1*

Infelizmente só há dados disponíveis nessa base até o período de 2017 supracitado. Fica expreso de maneira inequívoca o período mencionado enquanto superciclo. Para efeito de ilustração visual, segue gráfico indicativo:

<sup>3</sup> O índice trabalha com levantamentos mensais. A sistematização por ano é de autoria nossa.

Figura 4



Fonte: FMI (IMF Commodity Price Indices) – tabela acima

De acordo com Black (2013, p. 70), “os *desequilíbrios entre a demanda e a oferta* são os fatores mais citados por grande parte dos analistas como explicação [para o presente superciclo]”. A demanda tem origem no crescimento chinês, enquanto a (baixa) oferta tem fundamento nas crises climáticas que afetaram uma parte significativa dos países produtores de primários.

Importante ressaltar que no período identificado, apesar da média crescente, o mercado global lidou com 2 eventos negativos de destacada magnitude: estouro da bolha imobiliária dos EUA, em 2008, e a crise da zona do euro, em 2011. Há pouca densidade teórica sobre o estágio atual, mas em um grande exercício de especulação, seria possível cogitar que o superciclo do início dos anos 2000 ainda segue em curso, vivendo apenas um período de baixa. Somente o tempo vai determinar se o ciclo se esgotou, ou se vive apenas uma fase decrescente.

A seguir um gráfico da variação do preço do níquel desde 2000.

**Figura 5 Níquel, preço à vista da LME, US \$ por tonelada métrica**



Fonte: FMI

Nos capítulos posteriores, os presentes dados serão contextualizados com indicadores nacionais, como de balança de comércio, tal como com índices locais de Niquelândia para aprofundar as correlações entre *commodities* e desenvolvimento.

## CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA DE NIQUELÂNDIA

Niquelândia é um município goiano que, de acordo com o IBGE (2017), tem população estimada em 45.913 pessoas (24º do estado que possui 246 cidades). A taxa de ocupação é 18,1%, tendo como salário médio mensal 2,6 salários mínimos (21ª do estado) e seu PIB per capita é R\$26.504,71 (65º do estado)<sup>4</sup>, sendo que possui o maior território do estado: 9.843,247 km<sup>2</sup>. O município fica 259 km distante de Goiânia e está localizado na microrregião de Porangatu, ao norte do estado de Goiás.

Reconhecido como um território de muita riqueza mineral, Niquelândia é apontada na pré-História como um mar interno, substituído por um deserto de areias, em seguida virando terreno pantanoso com imensas samambaias e dinossauros carnívoros e herbívoros circulando na área. Vulcões teriam sido os responsáveis pelas reservas de ouro e diamantes. Já o níquel que é sua marca principal teria sido originado nos fundos oceânicos (BERTRAN, 1998).

A cidade apresenta um imenso potencial arqueológico, que desafia os paradigmas da convivência humana no que diz respeito às tensões entre os interesses capitalistas e a preservação histórica. Um exemplo dessa dinâmica é o Abrigo Pedra Talhada, um sítio arqueológico constituído de um paredão rochoso, com arte rupestre de ocupações datadas de até 2860 anos atrás. As pinturas apresentam grafismos, figuras de animais e até mesmo representações humanas e foram feitas majoritariamente em monocromia (algumas em bicromia). A dicotomia está no fato de que tais registros só foram realizados pelo projeto de identificação da Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa, projeto esse que culminou em 1997 e 1998 com a inundação da área, dilapidando assim o patrimônio histórico da região, sob o argumento de que os registros seriam suficientes para o interesse histórico. (MELO VAZ, 2005)

Há registro sobre a presença de humanos na pré-história, com a localização de dois grandes sítios indígenas com várias centenas de anos e com a proeminência na manipulação da pedra, assim como utensílios de cerâmica. Porém há pouquíssima informação a respeito, supondo-se apenas que faziam parte do reino Jê dos Cerrados, em contraposição aos Tupis-guaranis do Brasil.

---

4 Fonte: IBGE, 2017.

A fundação da cidade é atribuída a Manuel Rodrigues Tomar e Antônio de Souza Bastos que, em 1735, fundaram a primeira vila no distrito de Trairás / Tupiraçaba, dada a considerável disponibilidade de ouro aluvial. A região conta com inúmeras construções históricas que demandam recuperação.

Já de 1760 até perto de 1940 existem muitas referências sobre os frequentes assaltos dos índios Canoeiros ou Avá-Canoeiros às fazendas e aos povoados de Niquelândia, culminando em 1915 com a que seria a maior reação indígena da história brasileira, resultando em muitas mortes brancas, mas também no quase total extermínio dessa aldeia inteira (em 1983 registravam-se 6 índios Avás não contactados – eles são conhecidos como o povo invisível). De acordo com o indigenista Renato Sanches (2017): “*Praticamente toda a aldeia foi dizimada. Eles queriam escravizar os índios. A Avá-Canoeiro era uma tribo muito grande... Mataram muitos índios por disputa de terra, não tinham piedade*”<sup>5</sup>. A professora Dulce Rio Pedroso, da Universidade Católica de Goiás afirma que são de raça mongol.

O ouro de Niquelândia foi sendo explorado com o passar dos séculos, de maneira que, a partir do século XIX, o potencial de extração apresenta-se muito limitado. Não muito diferente do conjunto da sociedade brasileira, prevalecia também nessa região a mão-de-obra escrava, de origem africana. Os escravos mineradores da região eram em maior parte do litoral das ilhas de Cabo Verde. Compunham a chamada Nação Cabra, considerados fiéis, inteligentes e ferozes – daí as expressões cabra-macho, cabra-safado, cabra-cego...

Já no que diz respeito aos exploradores escravocratas, eram constituídos de alguns lugares, sendo destacado Portugal (o próprio fundador Tomar), Bahia, São Paulo, Pernambuco e principalmente Minas Gerais que sofria então com políticas de limitação da produção.

A cultura niquelandense tem forte ligação com a presença da Igreja Católica em nosso país e as distintas práticas de catequese. A principal referência nesse campo é a devoção à Nossa Senhora d’Abadia de Moquém, (Moquém é um distrito de Niquelândia) que há vários séculos remonta uma romaria realizada sempre no mês de agosto. A santa é um desdobramento da Nossa Senhora da Abadia de Portugal, a qual é atribuída alguns milagres e graças. Atualmente é uma das festas

---

5 Disponível em < <https://g1.globo.com/goias/noticia/simbolo-de-massacre-contratribo-indio-iawi-ava-canoeiro-morre-em-goias.ghtml>>. Acesso em 22 jun. 2018.

mais populares em Goiás e chega a reunir 400 mil pessoas no período<sup>6</sup>. A cidade tem um dos maiores santuários do Brasil, que comporta 28 mil pessoas sentadas. Em 2018 a romaria completou 270 anos.

Outra referência de manifestação cultural é a Congada de Santa Efigênia, tradição de pelo menos 2 séculos, originada no quilombo dos Xambás, que reunia escravos fugidos da região. A Congada é uma grande festa com procissões, desfiles, danças, rituais religiosos e uma sorte de pedidos e agradecimentos de graças. Tem estreita ligação com os movimentos de mineração, tendo também elementos oriundos dos contatos com os Avás-Canoeiros.

A vida política da cidade tem início, em termos institucionais, em 1833 com a composição da então câmara de São José e a indicação dos vereadores. Em 1836 nomeia-se o delegado. Em 1837 surge a primeira sociedade formal, com a instituição do cargo de Tenente-Coronel comandante dado ao primeiro grande chefe político Antônio Nicolau da Silva. Aprofunda-se nesse contexto a cultura do coronelismo na região. A família de Antônio comanda a política por quase um século, recebendo a alcunha de Dinastia Francisco da Silva-Taveira, a Dinastia do Moqué. (BERTRAN, 1998).

Em 1872, já com a escravidão parcialmente superada (na região dava-se conta de 6% da população), desenvolvem-se novas dinâmicas comerciais.

O maior produto de exportação continuava a ser o gado, mas, progressivamente, com a expansão da monocultura do café em São Paulo e com a melhoria dos transportes, a agricultura de subsistência começa a apresentar excedentes exportáveis, como o fumo em rolo, rapaduras, farinha, toucinho, doces cristalizados e até mesmo café cujas vendas realçam um pouco as rendas das humildes famílias de lavradores (BERTRAN, 1998, p.187).

Nesse período, apesar da expressiva diminuição, ainda garimpava-se ouro, contudo o mineral mais destacado proveniente da região era a malacacheta (mica), que funcionava como um isolante elétrico.

Aumenta progressivamente sua produção agrícola, destacando-se também no cultivo de arroz e de milho. Atualmente passa por processos de ampliação, ainda

---

<sup>6</sup> Disponível em <<http://www.am15.com.br/artigo/nossa-senhora-dabadia-de-muquem-269-anos-de-devocao.html>>. Acesso em 22 jun. 2018.



tímidos, da produção de soja. Na pecuária dispõe de considerável produção de gado leiteiro e de corte (em expansão).

Em 1904 descobre-se níquel na Serra da Jacuba, iniciando-se o processo de exploração, que só tomaria corpo no contexto do pós-Primeira Guerra Mundial, com o interesse dos alemães em fontes alternativas de abastecimento de níquel, ocasião da viabilização das minas de Niquelândia. Segundo Bertran (1998, p. 209) *“para a fabricação dos canhões que em breve Hitler apontaria contra a França e contra a Rússia”*). Há também registros da exploração do níquel nesse período pelos japoneses (STRAUCH, 2011).

Tanto alemães, quanto japoneses, são expulsos no transcurso da Segunda Guerra pelos americanos, que fundam nesse período a CNT (Companhia Níquel Tocantins). Nesta época, precisamente em 1938, a antiga São José do Tocantins é oficialmente reconhecida como cidade. A partir da descoberta da maior jazida de níquel do mundo, em 1943, seu nome passa a ser Niquelândia.

Ocorre, então, um esquecimento por parte das grandes potências no pós-Segunda Guerra, de maneira que, em 1957, o Grupo Votorantim compra a área (STRAUCH, 2011, p. 137). Porém, apenas na década de 1980, na ocasião da construção da usina de beneficiamento de níquel, que é iniciada a fase de exploração em larga escala (STRAUCH, 2011, p. 137 *apud* BONELLI, 1998).

O níquel (Ni) é um metal de cor branco-prateado, encontrado em alguns minerais e extremamente resistente à corrosão e a oxidação.

Segundo o geólogo Luís Fernando Magalhães, a presença e o uso do níquel é cada vez maior na vida do homem moderno. É utilizado em diversas ligas, como o aço inoxidável, em galvanização, fundições, catalisadores, baterias, eletrodos e moedas. Dessa forma, o níquel está presente em materiais, produtos e equipamentos de transporte, bélicos, equipamentos eletrônicos, produtos químicos, equipamentos médico-hospitalares, materiais de construção, equipamentos aeroespaciais, bens de consumo duráveis, pinturas, e cerâmicas.

No Brasil, o estado de Goiás responde por 82% da produção nacional de níquel, com 74% das reservas brasileiras<sup>7</sup>. Niquelândia, que não tem esse nome por acaso: trata-se da região de maior produção de níquel no país, sendo também a

---

7

maior jazida em exploração do mundo. Toda atividade extrativista sempre foi realizada pelas empresas Votorantim Metais e Anglo American, sendo que a Votorantim vive um processo complexo de interrupção das atividades (ponto que será aprofundado no Capítulo 4).

A Votorantim Metais Níquel S.A., que começou as atividades em Niquelândia em 1981, em 2007 era a maior fabricante brasileira de níquel e única produtora de níquel eletrolítico da América Latina (VOTORANTIM METAIS, 2007). A segunda empresa era a Codemin S.A., pertencente ao grupo Anglo American, um dos maiores grupos de mineração do mundo. A empresa iniciou suas atividades no município em 1983, produzindo 5.000 t/ano de níquel contido na liga do ferro-níquel (MAGALHÃES e MARON, 2002)

Niquelândia é uma cidade com estrutura industrial inflada por essas duas mineradoras, com baixa integração com a economia local, o que gera uma indústria grande (com baixa diversificação), mas reduzida participação no setor de serviços.

É uma região que compõe o Cerrado brasileiro, apresentando clima quente e seco no inverno e quente e úmido no verão. Niquelândia tem abundância em água, sendo parte da bacia hidrográfica Tocantins – Araguaia, com mais de 100 mananciais e córregos e dois grandes rios: Trairás e Maranhão. Tanto a flora quanto a fauna são típicas do Bioma, com cobertura vegetal predominantemente composta por espécies de arbustos com raízes longas e preparadas para absorver água diretamente dos lençóis freáticos, dado o clima seco, e as espécies animais típicas são onças, veados, emas, lobos-guará entre outros. Também é rica em peixes destacando o tucunaré e a traíra.

## 1.1 O PODER PÚBLICO MUNICIPAL

A conjuntura política de Niquelândia é marcada por disputas acirradas e uma série de crises estruturais. O atual prefeito Valdeto Ferreira foi eleito pelo PSB, tendo como vice Celino Correia do SDD, em uma coligação de 9 partidos (PSB, PDT, PRP, Rede Sustentabilidade, SDD, PPS, PSDC, PSDB e PMB). Para se ter uma ideia do quanto a crise na mineração vem impactando o imaginário da cidade, o slogan de campanha de Valdeto era “não vamos desistir de Niquelândia”. Ao todo 4 candidatos disputaram a Prefeitura. A Câmara é composta por 13 vereadores. A cidade, que

possui em torno de 40 mil eleitores, não tem nenhum deputado eleito (recentemente o deputado estadual Santana Gomes, originário de Goiânia, declarou para a imprensa que trocaria seu domicílio eleitoral para Niquelândia<sup>8</sup>).

Valdeto tem enfrentado consideráveis desafios na gestão. Entre protestos por atraso de pagamento de servidores e denúncias de superfaturamento nos serviços de coleta de lixo, o prefeito, que disputou a eleição com registro indeferido por conta de processo por improbidade administrativa do mandato que exerceu em 1996, se vê em situação delicada, posto já ter recebido decisão unânime de cassação por parte do TSE. Ainda cabendo recursos, caso seja mantida a cassação, a cidade pode passar por eleições extraordinárias, ou o vice assumir. O cenário é de grandes incertezas e imensamente correlacionado com o contexto de crise econômica e de arrecadação.

Há consolidada na opinião pública niquelandense a perspectiva de que a crise tem estreita relação com as ingerências da administração atual. De todo modo, a construção de novas perspectivas para a superação da crise, conforme proposta no “Pacto de Cooperação pelo Desenvolvimento de Niquelândia”, é uma iniciativa que prescinde da intervenção do poder público municipal. Nessa diretriz, um dos elementos a serem trabalhados na presente dissertação diz respeito a essa correspondência entre as atividades econômicas e os entraves político-institucionais, sobretudo no tocante ao desenvolvimento do Pacto. O capítulo 6 tratará de maneira mais detida dessa discussão.

## 1.2 A MINERAÇÃO E A ECONOMIA DE NIQUELÂNDIA

Analisar as dinâmicas da atividade mineradora em Niquelândia é um exercício fundamental para compreensão dos impactos da crise mundial, pois a cidade depende sobremaneira do setor, não tendo até então desenvolvido outras matrizes de desenvolvimento econômico.

O negócio de mineração e metalurgia do níquel em Niquelândia foi explorado exclusivamente por duas empresas: Companhia de Desenvolvimento de Recursos Minerais SA (CODEMIN SA), pertencente ao grupo Anglo American; e a Companhia Níquel Tocantins (CNT) do Grupo Votorantim Metais. A figura 4 ilustra tal situação.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/bastidores/santana-gomes-dara-adeus-goiania-e-vai-mudar-domicilio-eleitoral-para-niquelandia-99934/>>. Acesso em 30 jun. 2018.

**Figura 6: tabelas de minas cativas e plantas metalúrgicas**

Empresa	Mina	Localização	Minério de Ni	Produto (Final/Intermediário)	Destinação
CODEMIN	Barro Alto Niquelândia	Barro Alto Niquelândia	Laterítico	Liga de FeNi (Final)	Mercado
CNT	Buriti	Niquelândia	Laterítico, com cobre e cobalto associados	Carbonato de níquel (intermediário)	Refino em São Miguel Paulista (SP)

Fontes: DNPM - Sumário Mineral Brasileiro - edições 2000 a 2008; Revista Minérios & Minerale; Sites institucionais das Empresas e seus Relatórios Anuais.

Para se ter noção da relação de dependência da mineração na cidade, 100% das exportações de 2017 da cidade foram de minérios de ferro (níquel está incluído nessa categoria). Em 2016, esse número foi de 99,4%, com outros 0,6% de minérios de cobre.<sup>9</sup>

Segundo Santos (2011, p. 6), dependência é a “*situação na qual a economia de certos países é condicionada pelo desenvolvimento e pela expansão de outra economia à qual está subordinada*”. Aplicando o conceito à realidade regional em questão, observa-se o caráter de não autonomia em seu desenvolvimento, dada a necessidade de suporte externo, portanto é uma relação de condicionamento (mais que de determinação).

Nessa diretriz, Coelho (2017, p. 2) define a minério-dependência como “*situação na qual, devido à especialização da estrutura produtiva de um município, região ou país na extração de minerais, os rumos da estrutura local são definidos em centros decisórios externos*”. Esses centros decisórios seriam os mercados internacionais de *commodities* que, ainda para Coelho (2017), favorecem a subordinação além de gerar instabilidade social e econômica nos locais mineradores devido a flutuações nos preços.

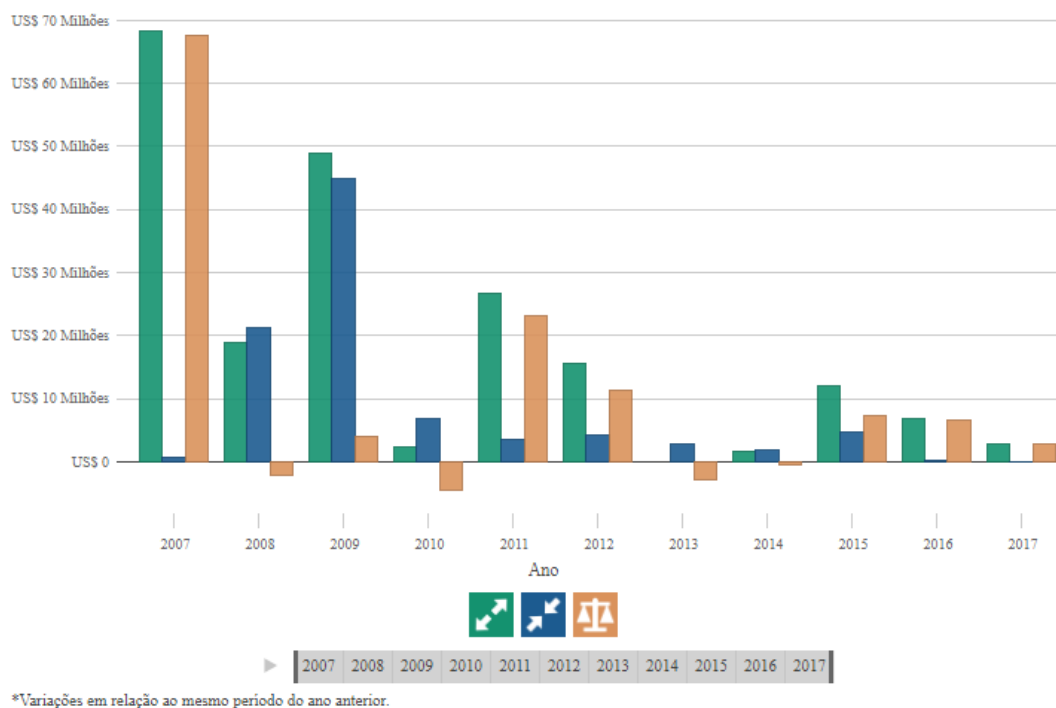
No contexto da desvalorização das *commodities* produzida em retração ao efeito China e já indicada no primeiro capítulo, observa-se um cenário global de crise da mineração. No cerne desta crise, o marco negativo mais significativo ocorreu em fevereiro de 2016, com a suspensão das atividades da empresa Votorantim Metais em Niquelândia, deixando em torno de 800 trabalhadores desempregados, fora as

<sup>9</sup> Fonte: MDIC / Comex vis: Municípios, acessado em: 02 jun. 2018.

vagas nas empresas terceirizadas que prestavam serviço à multinacional. Segundo o comunicado oficial, a razão alegada está nas expressivas quedas do valor de mercado do níquel (40% só em 2015)<sup>10</sup>.

Abaixo, na figura 5, um retrato da Balança de Comércio de Niquelândia, em que o indicador verde diz respeito às exportações, o azul às importações e o vermelho ao saldo anual. O gráfico em questão explicita a queda brusca da atividade econômica niquelandense a partir do encerramento do dito superciclo das *commodities*.

**Figura 7**



**Fonte: MDIC**

No levantamento em questão, observa-se a trajetória das relações comerciais na cidade no intervalo de 10 anos. Ainda que com grandes flutuações, é visível uma decaída progressiva nas atividades, de maneira que 2013 (considerado o primeiro ano posterior ao superciclo) delimita a queda mais aguda nessa base histórica, com resultados posteriores muito aquém do período anterior.

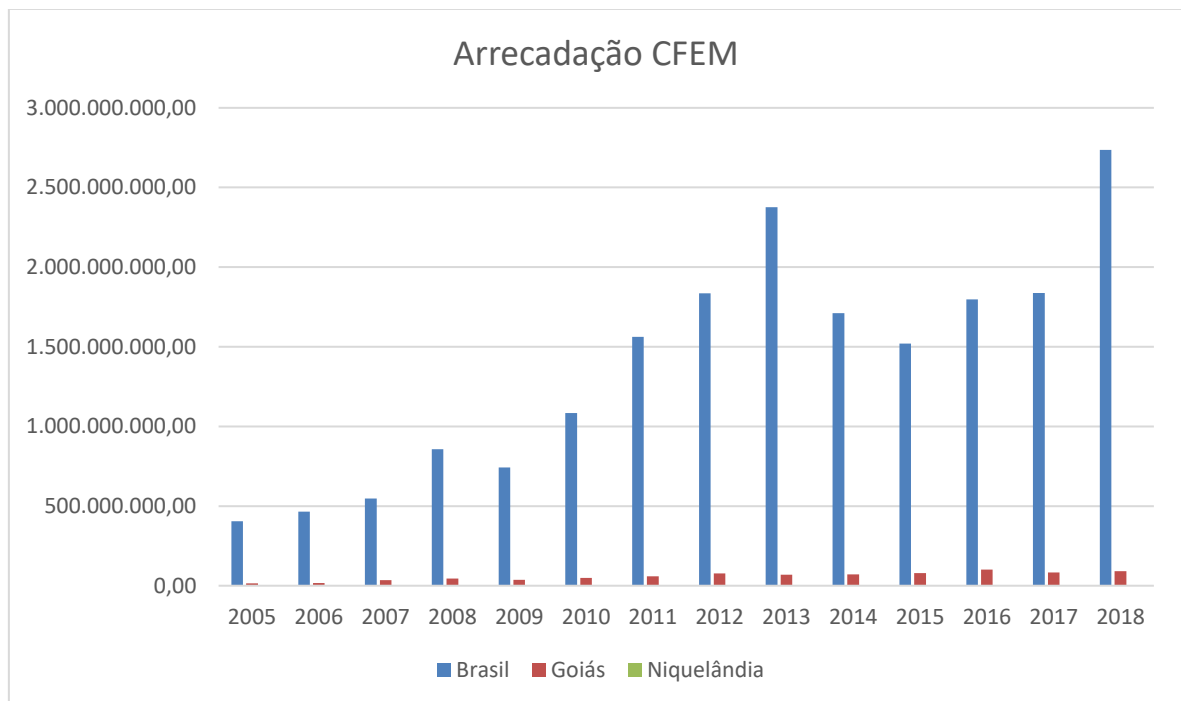
Essencialmente no que concerne aos dados, cabe tratar da CFEM, que é a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais. No Brasil, toda atividade mineradora é realizada mediante o regime de concessão pública,

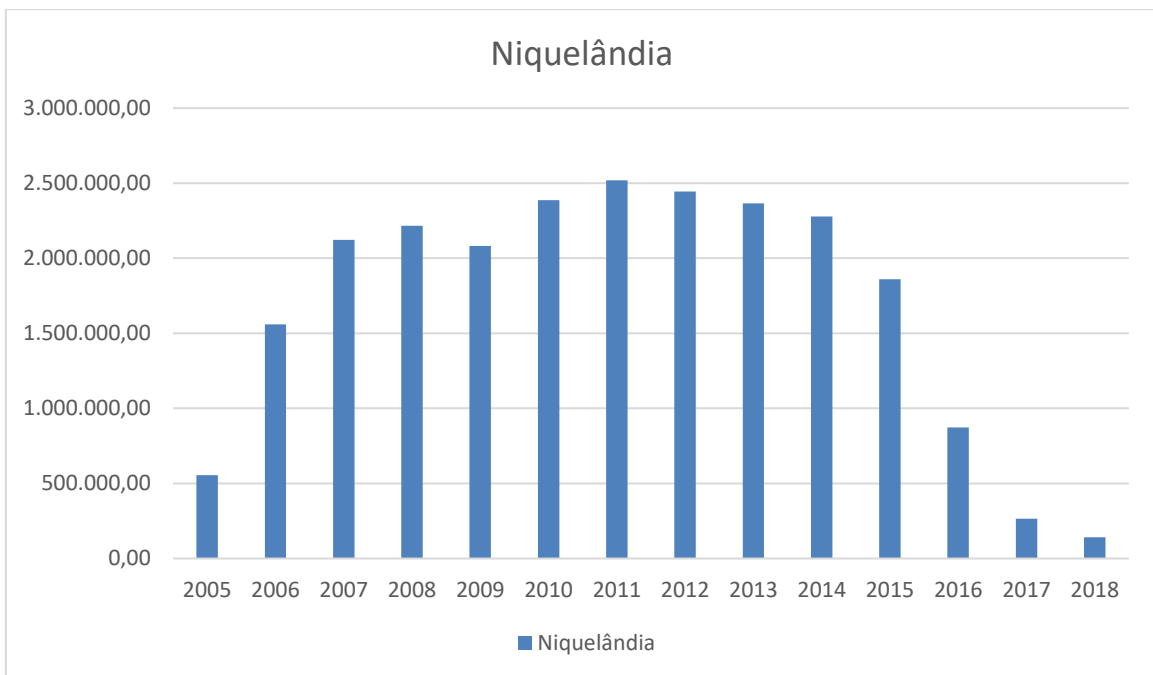
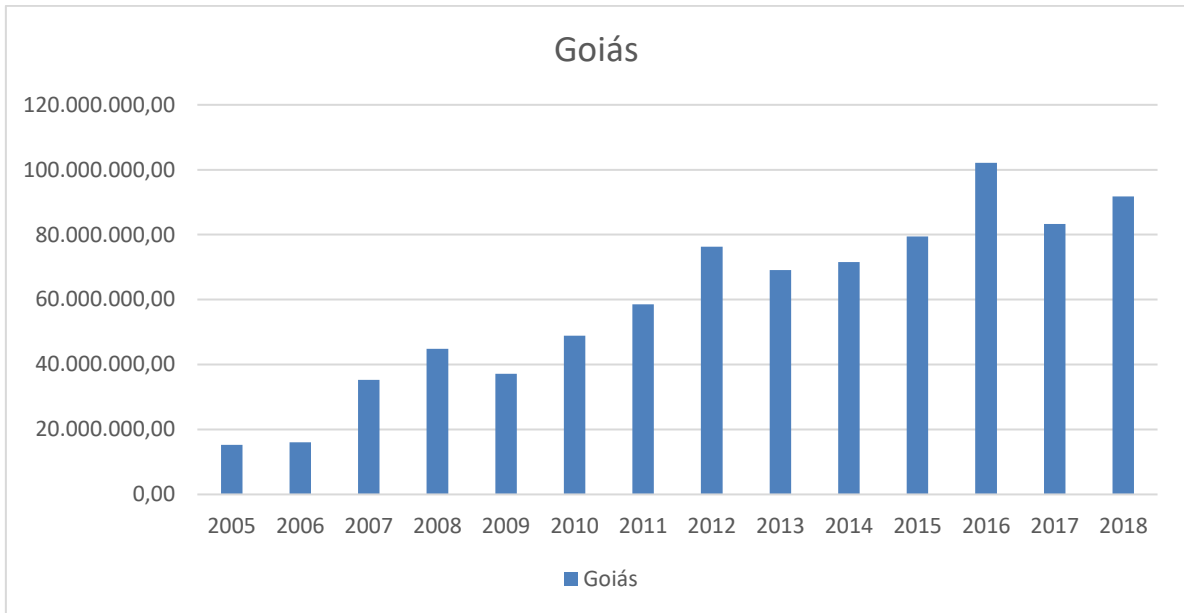
<sup>10</sup> <http://www.jornaldiariodonorte.com.br/noticias/comunicado-a-imprensa-18011912>

coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e operacionalizado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). A partir da Constituição, as jazidas e os depósitos minerais constituem bens da União (distinção entre os recursos do solo e do subsolo), de maneira que para o desenvolvimento da atividade de mineração, prevê-se o aproveitamento econômico do produto da lavra através das concessões, ou seja, a arrecadação da CFEM indica o que os municípios pagam pela exploração de minério. Nesse interim, a CFEM torna-se o principal indicador do mercado.

Os dados relativos à arrecadação indicam, portanto, o volume de produção em determinado território. Nesse sentido, abordar períodos de maneira progressiva, permite uma visão acerca de eventuais ampliações ou diminuições na produção da atividade mineradora. Dito isto, torna-se imprescindível examinar os dados relativos à CFEM, não só no contexto de Niquelândia, mas no âmbito comparativo com Goiás e o Brasil, para se ter uma noção da evolução do mercado. No que concerne a figura 6, foi aplicado o intervalo 2018 – 2005. (unidade: R\$)

**Gráfico 2**





**Fonte: CFEM /DNPM**

\*Corresponde ao intervalo entre janeiro e novembro.

Os respectivos dados evidenciam a arrecadação no contexto da produção mineral, perpassando tanto a fase de superciclo, quanto a do período posterior. Fica nítida ao observar a arrecadação brasileira, sua ampliação, com registro de aumento entre 2017 e 2018 de aproximadamente 50%. Em seguida, ao observar os dados de Goiás, apesar das variações, que trazem 2016 como marco de crescimento,

percebe-se uma queda em 2017 e um retorno de crescimento em 2018. Já Niquelândia, entre 2006 e 2015 mantém certa constância, com picos de alta, mas garantindo nos momentos de baixa o mínimo patamar de R\$ 1.559.694,77 (2006). Ocorre que em 2016, a queda é abrupta, partindo para R\$ 872.668,52 (mais do que a metade do ano anterior). Em 2017 há ainda uma redução de quase 4 vezes o registrado em 2016. Em 2018, apesar dos dados serem restritos até novembro, aprofunda-se ainda mais na queda.

No caso de Niquelândia, para além das flutuações relacionadas ao contexto global e às dinâmicas locais, o período de redução abrupta coincide com a interrupção das atividades da Votorantim.

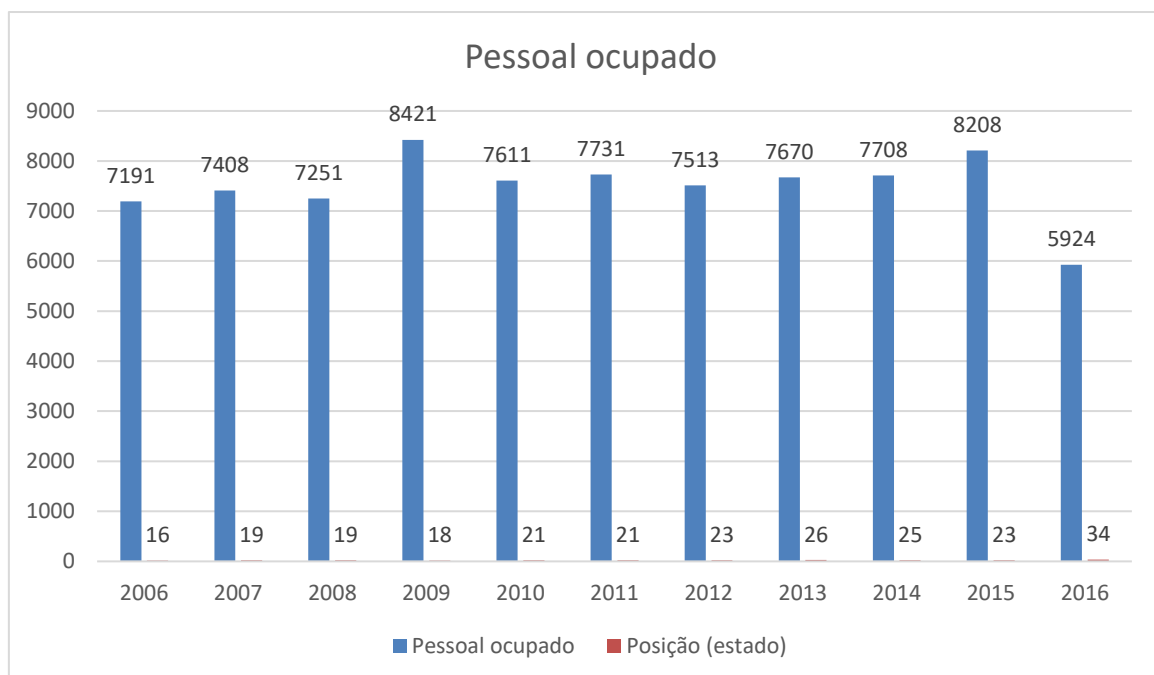


## CAPÍTULO 2: ECONOMIA ATUAL DO MUNICÍPIO DE NIQUELÂNDIA

Os dados mais recentes no que concerne à questão do emprego são de 2016, dando conta de 5.924 pessoas formalmente ocupadas (13% da população), o que representa a 34ª posição no contexto de Goiás. O salário médio mensal é de 2,4 salários mínimos, colocando a cidade na posição 29 em relação ao estado e 39% da população apresenta rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo, posicionando Niquelândia na posição 51 em termos estaduais.<sup>11</sup>

Para efeito de comparação, no que concerne aos dois polos, em termos de marcos positivo e negativo, em 2009 o pessoal ocupado era de 8.421 pessoas, de forma que a cidade ocupava a posição 18 em relação ao estado:

**Gráfico 3: Pessoal ocupado**



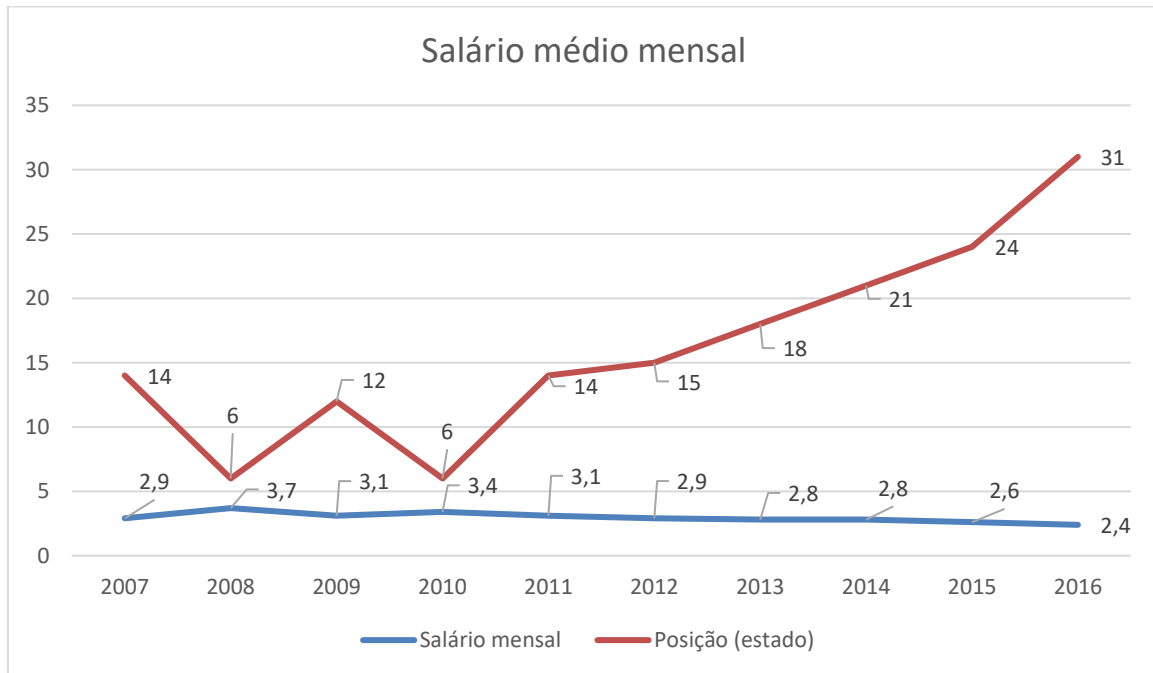
Fonte: IBGE (disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

Já o salário médio mensal tem seu ápice positivo em 2008, quando era de 3,7 salários mínimos e Niquelândia aparecia na posição 6 no comparativo do estado. Atualmente (2016), a cidade perdeu muitas colocações no ranking, figurando na

<sup>11</sup> Fonte: IBGE (disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

posição 31<sup>a</sup>. A seleção do presente intervalo (2007 a 2016) foi realizada levando em conta os dados dispostos no Portal IGBE cidades, de maneira que não há dados mais recentes disponíveis.

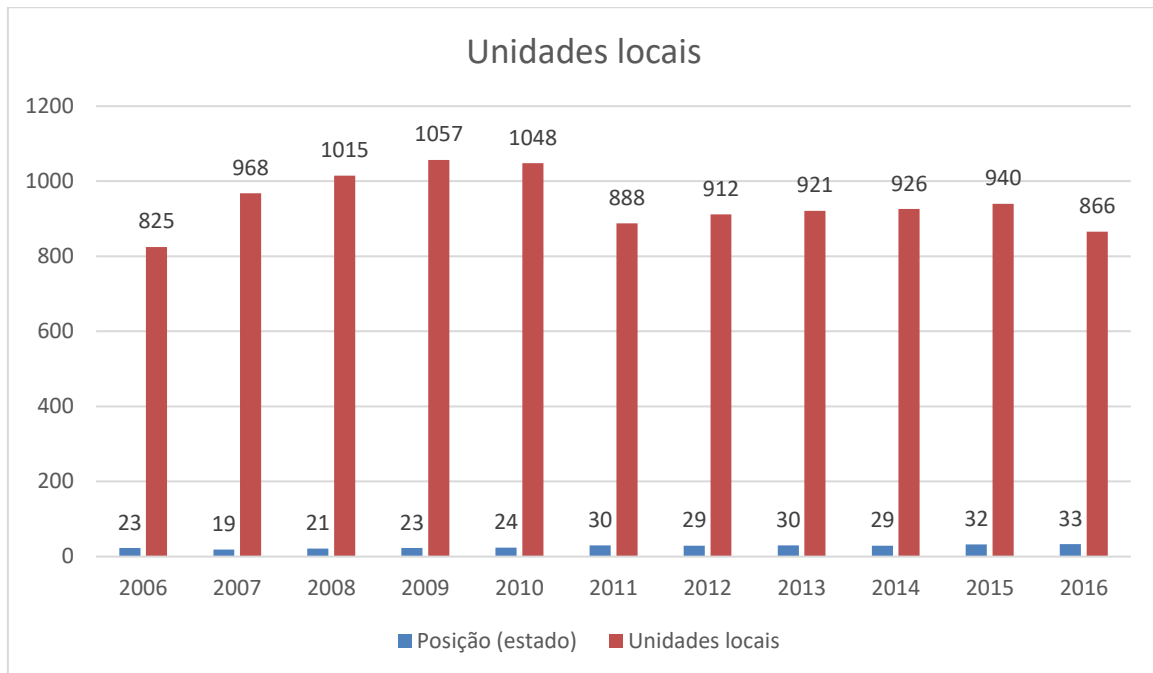
**Gráfico 4: Salário médio mensal (base: salário mínimo)**



Fonte: IBGE (disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

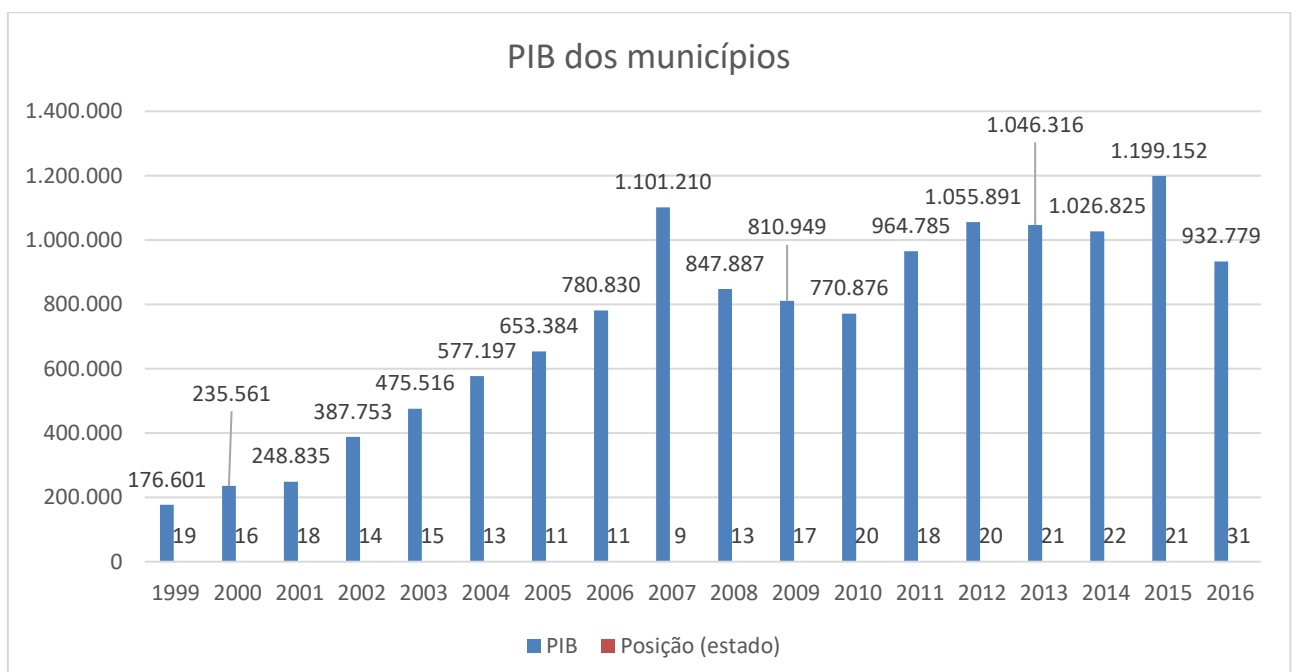
No que concerne à quantidade de firmas em atividade, Niquelândia registrava 866 unidades locais<sup>12</sup> em seu último levantamento (2016). O marco ascendente nos dados diz respeito ao ano de 2009, em que 1.057 unidades estavam em funcionamento:

<sup>12</sup> Segundo o IBGE (disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>): “Por **unidade local** entende-se o espaço físico, geralmente uma área contínua, no qual uma ou mais atividades econômicas são desenvolvidas, correspondendo, na maioria das vezes, a cada endereço de atuação da empresa”.

**Gráfico 5: Unidades locais**

Fonte: IBGE (disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

Em relação à economia niquelandense, a cidade figura na posição 21ª no comparativo estadual sobre o Produto Interno Bruto dos Municípios (PIB a preços correntes):

**Gráfico 6: Produto Interno Bruto dos Municípios (unidade: R\$ x1000)**

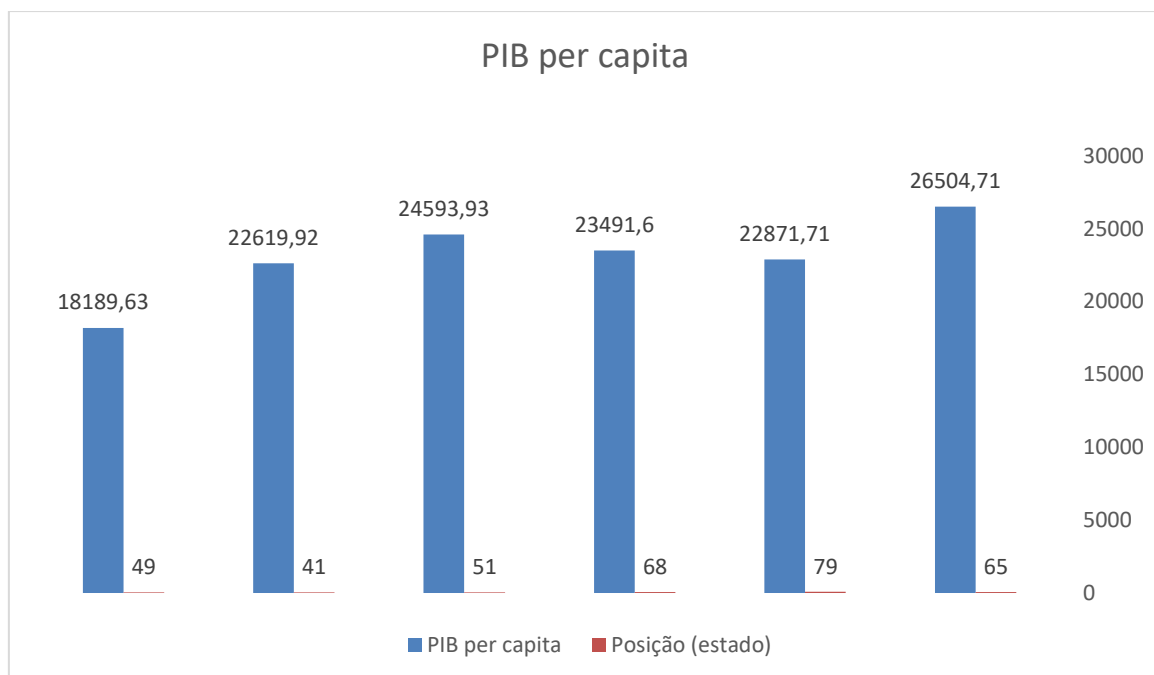
Fonte: IBGE (disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

Conforme pode ser observado na tabela 5 acima, o PIB de Niquelândia segue uma constância no período destacado. De 1999 a 2015, a menor posição ocupada em relação ao estado foi a de 22º lugar, tendo, por exemplo, em 2007 (cerne do superciclo), alcançado o posto 9 no ranking. Pois bem, em 2016 o resultado é dramático, de forma que o Município cai drasticamente para a posição 31, representando assim um marco negativo, não ocorrido, de acordo com os dados, nos 16 anos anteriores. Mais uma vez, a queda dos números coincide com o período de interrupção das atividades da empresa Votorantim Metais. Novamente também, o presente estudo se baseia nos dados disponíveis no Portal do IBGE, de maneira que seria profícuo em um outro estudo, a busca a partir de um intervalo maior de tempo, em que fosse possível observar o comportamento do PIB no contexto dos outros superciclos.

Considerando o fechamento da Votorantim em 2016, com a queda no PIB da cidade no mesmo ano, ganha força a hipótese de que a redução das *commodities* é a responsável pelo contexto atual de crise.

Já nos termos do PIB per capita, a situação é bastante diferente, estando o Município em 65º lugar em relação ao estado.

**Gráfico 7: PIB per capita (unidades: R\$ x1000)**

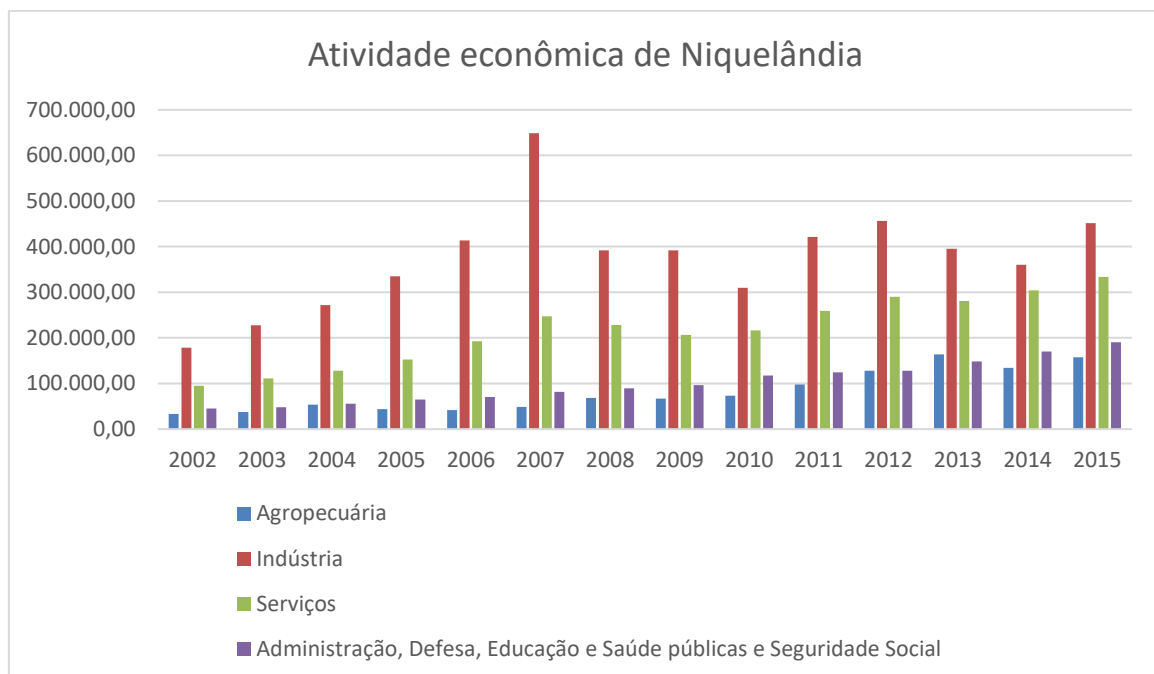


Fonte: IBGE (disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

Percebe-se um PIB per capita relativamente constante até 2015, em que 2010 e 2011, na série observada na Tabela 6, traz os melhores desempenhos em relação ao ranking do estado, reforçando a tese do aquecimento econômico durante a alta do superciclo de 2002.

No tocante à atividade econômica, é possível observar uma dinâmica bem inconstante no aspecto da indústria, certamente influenciada pelas variações na indústria mineradora:

**Gráfico 8: Atividade Econômica de Niquelândia (Unidade: R\$ x1000)**



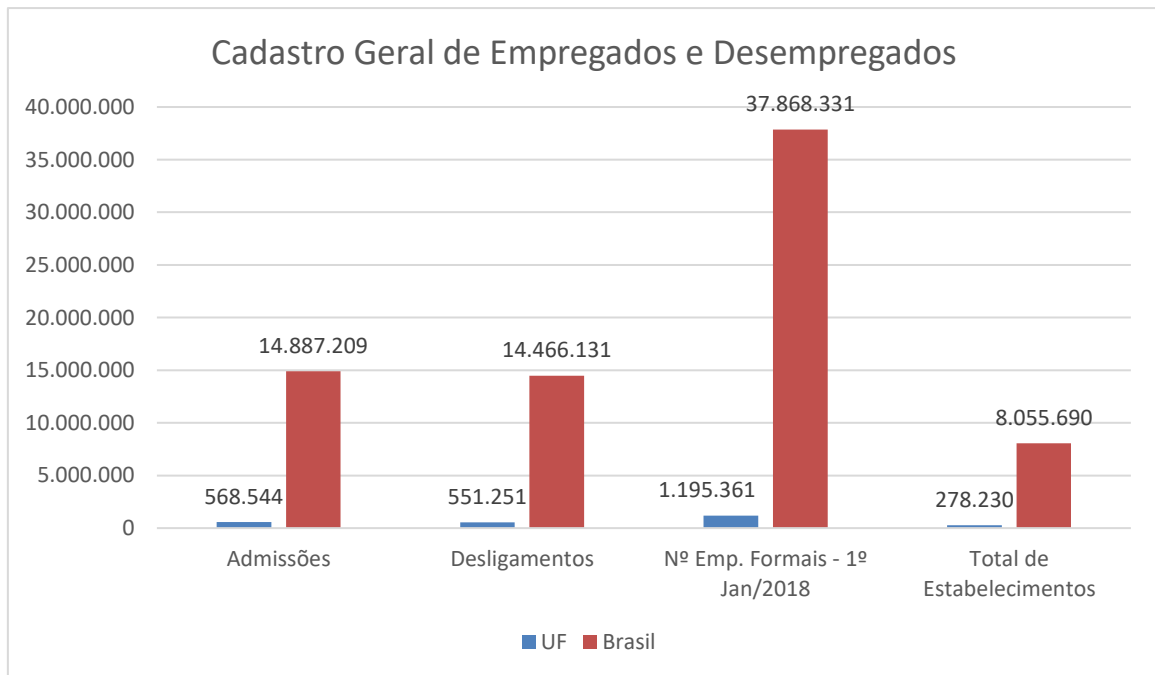
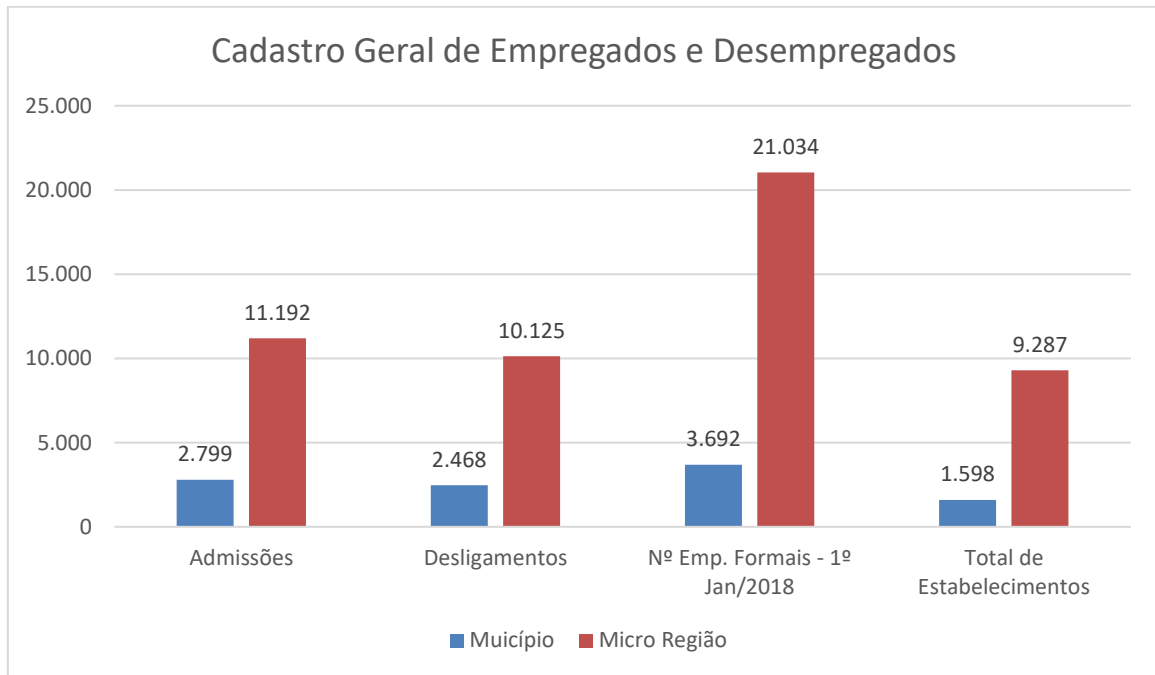
Fonte: IBGE (disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

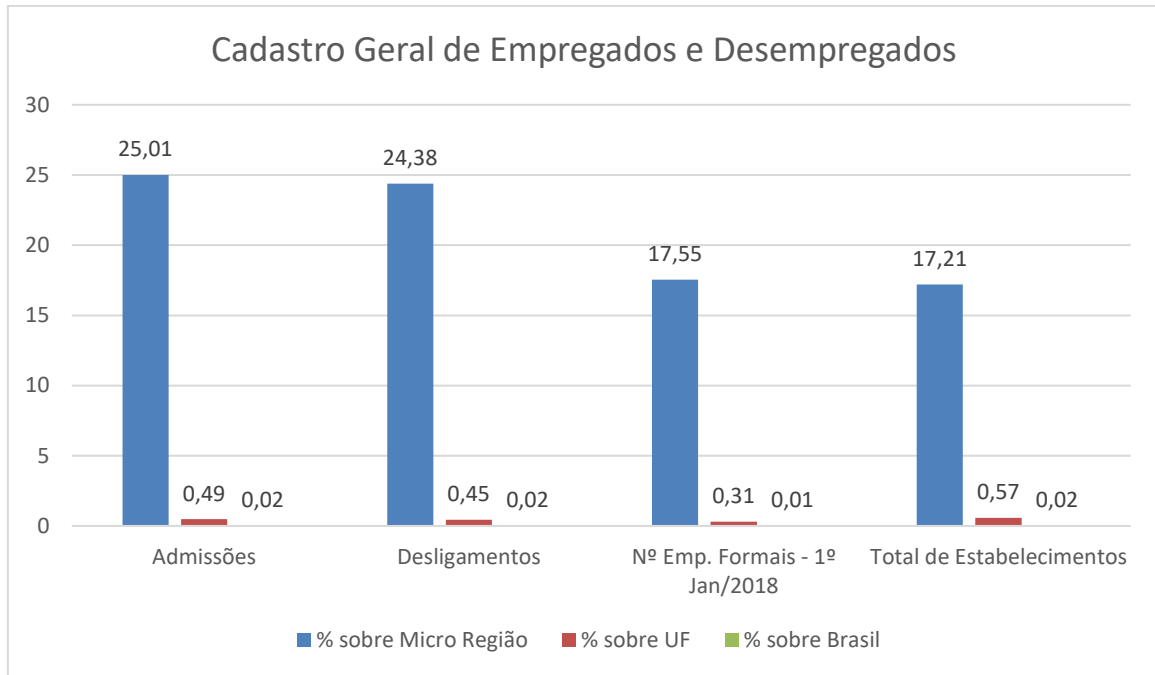
Apenas para termos comparativos, enquanto o valor movimentado pela indústria em 2015 foi de R\$ 451,3 milhões), em 2007 chegou a atingir a cifra de R\$ 648,9 milhões, revelando novamente o efeito de esfriamento da economia de Niquelândia.

No que se referem à questão do emprego, os dados a seguir são compilados da base do CAGED (Cadastro Geral de empregados e desempregados), que se constitui como um registro administrativo do Ministério do Trabalho e Emprego, enquanto uma plataforma estatística para a questão empregatícia no Brasil.

Em 2018, Niquelândia apresenta o seguinte cenário em relação às admissões e demissões:

**Gráfico 9: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – Niquelândia – 2018**



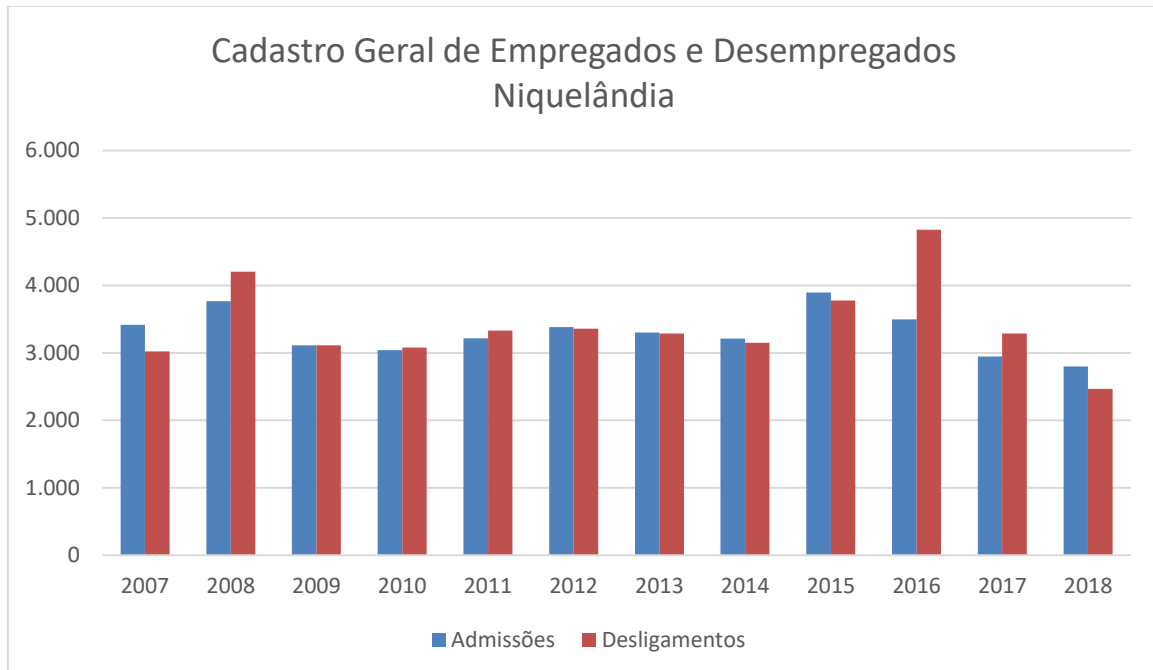


**Fonte: CAGED (disponível em: <[http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged\\_perfil\\_municipio/index.php](http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php)>)**

Especificamente em 2018, é possível visualizar que o número de admissões foi sensivelmente maior (2.799) em relação aos desligamentos (2.468). No entanto, só faz sentido analisar tais dados, tendo como base os anos anteriores, posto que assim é possível a comparação. No mais, o número de empregos formais e o total de estabelecimentos é um somatório geral, feito sempre em 1º de janeiro do ano corrente.

Segundo, portanto, o mencionado, a próxima tabela traz o comparativo das admissões e desligamentos ao longo dos últimos 12 anos:

**Gráfico 10: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – Niquelândia – intervalo 2007 a 2018**



Fonte: CAGED (disponível em: [http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged\\_perfil\\_municipio/index.php](http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php))

Na respectiva consolidação histórica, entre admissões e desligamentos, os números são relativamente equiparados, de maneira que há 3 disparidades perceptíveis. Um de desligamentos em 2008, que registra 4.203, possivelmente como reflexo da então crise mundial. Outro marco que diz respeito ao nosso trabalho, é do ano de 2016, também de desligamentos, registrando 4.825 (o maior da série histórica). E ainda, em termos de admissão, 2018 traz 2.799, representando assim a menor entre os 12 anos analisados.

Não é possível fazer afirmações taxativas, mas especificamente no contexto de 2016 a 2018, série que reúne os 2 marcos mais desfavoráveis do período, uma hipótese que deve ser considerada, conforme vem sendo abordada ao longo da presente dissertação, é a da suspensão das atividades da Votorantim na Cidade, e a consequente redução das *commodities* como fator determinante.



### CAPÍTULO 3: COMPARAÇÃO ENTRE NIQUELÂNDIA E BARRO ALTO

Niquelândia e Barro Alto são cidades vizinhas, que mais do que a proximidade física, compartilham da exploração do níquel enquanto atividade econômica destacada. No trabalho em curso, está sendo proposta esta comparação entre os dois municípios na perspectiva de contextualizar ainda com mais propriedade a realidade da economia niquelandense e os contornos da crise do superciclo.

Barro Alto está localizada na região do Vale de São Patrício em Goiás. É consideravelmente menor que Niquelândia (tanto em termos territoriais, quanto populacionais). Veja a seguir o quadro comparativo.

	<b>Niquelândia</b>	<b>Barro Alto</b>
População estimada	45.913 pessoas (24 <sup>a</sup> do estado)	10.922 pessoas (96 <sup>a</sup> do estado)
Território	9.843,247 km <sup>2</sup>	1.093,248 km <sup>2</sup>
Densidade demográfica	4,30 hab/km <sup>2</sup>	7,97 hab/km <sup>2</sup>
Pessoal ocupado [2016]	5.924 pessoas	3.036 pessoas
População ocupada [2016]	13,0 %	29,7 %
Salário médio mensal dos trabalhadores formais [2016]	2,4 salários mínimos	3,2 salários mínimos
PIB per capita [2016]	R\$ 20.463,76	R\$ 77.671,72
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]	0,715	0,742

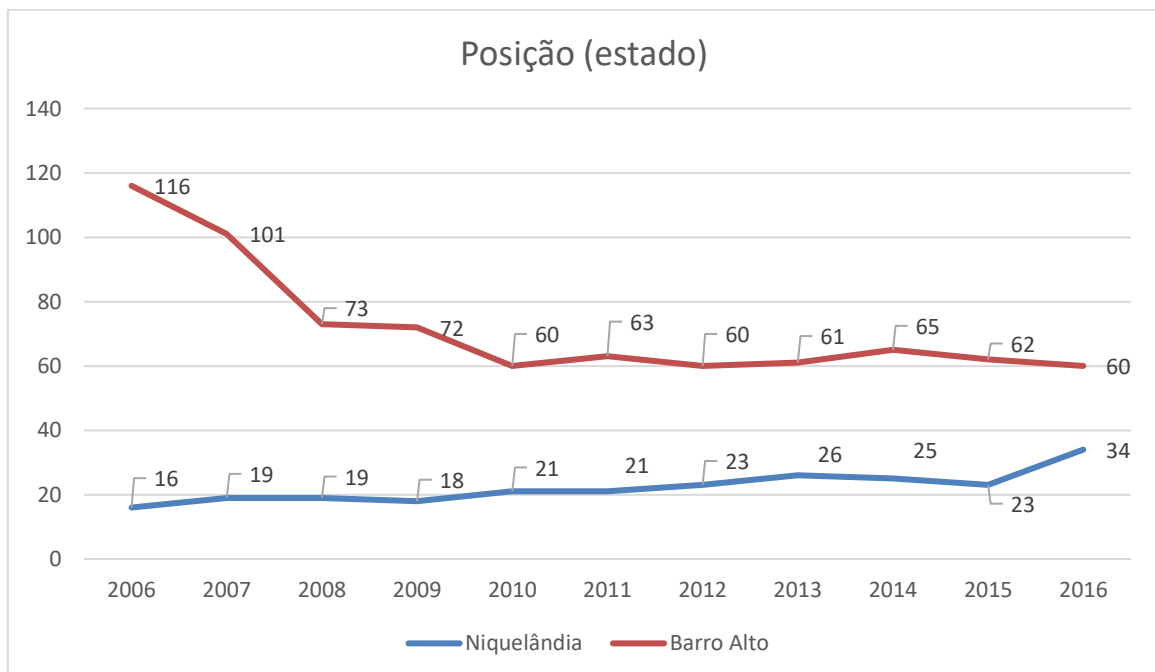
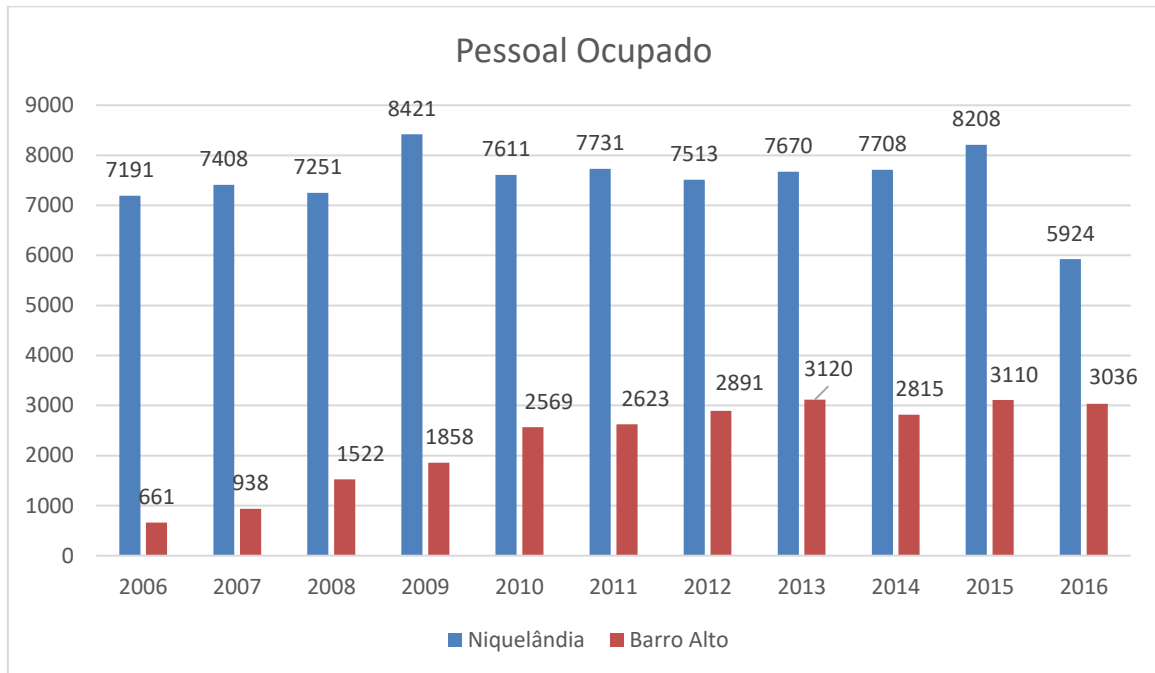
Fonte: IBGE (disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

A partir desta comparação, é possível vislumbrar de maneira preliminar uma considerável superioridade de Barro Alto em relação à Niquelândia, no que tange, por exemplo, à taxa de população ocupada (mais do que o dobro), ou de salário médio (3,2 contra 2,4). Da mesma forma, o PIB per capita de Barro Alto é mais do

que o triplo de Niquelândia – portanto, é nítida a pujança econômica de uma em relação à outra.

Nesse levantamento, emparelha-se a taxa de pessoal ocupado nas duas cidades, no intervalo de 10 anos.

**Gráfico 11: Pessoal ocupado – Niquelândia x Barro Alto – 2006 a 2016**

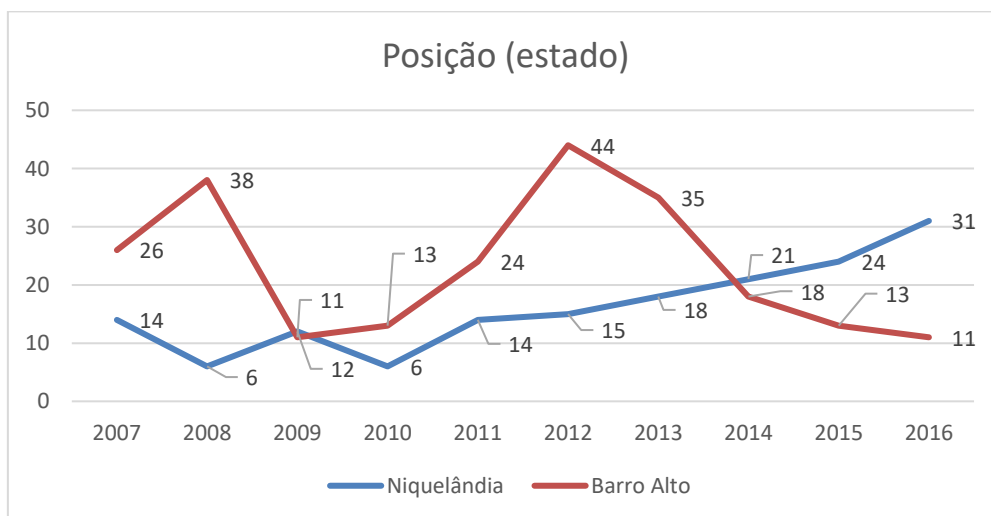
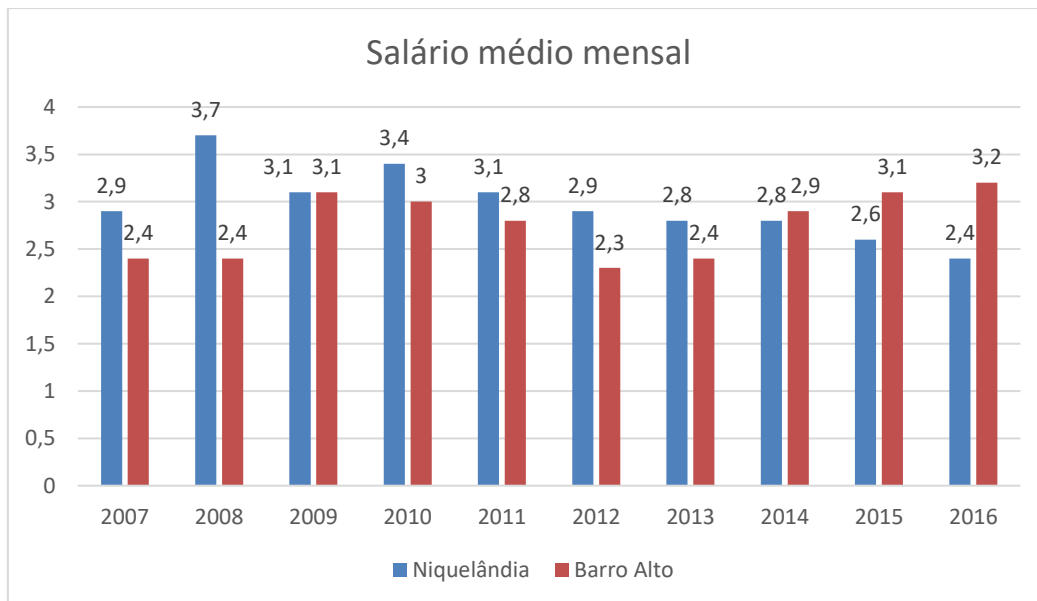


Fonte: IBGE (disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

Conforme já analisado anteriormente, Niquelândia desenvolve uma trajetória decadente, delineando assim a dinâmica da crise que enfrenta atualmente. De outro modo, Barro Alto nessa questão de ocupação manifesta um crescimento exponencial ao longo do período em foco. Enquanto Niquelândia começa o período selecionado (2006) na posição 16ª em relação ao estado, termina (em 2016) ocupando a 34ª. Já Barro Alto dá um salto contrário, começa na 116ª posição e registra, no fim da seleção, a posição 60ª, muito possivelmente por conta da instalação da Codemin (ver Tabela 13).

No quesito Salário médio mensal também ocorre um efeito parecido.

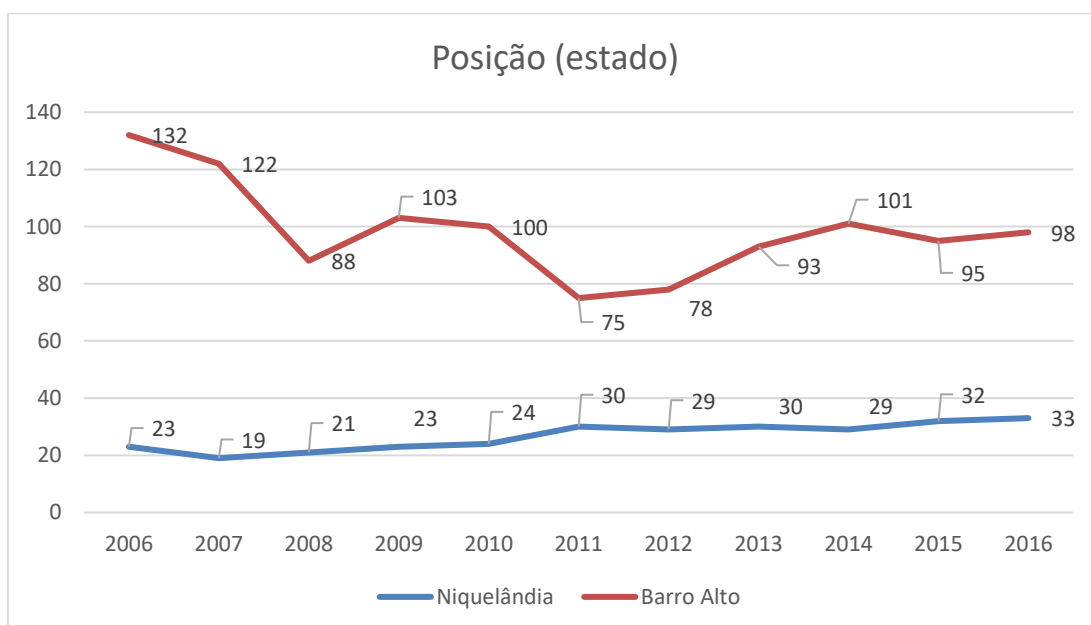
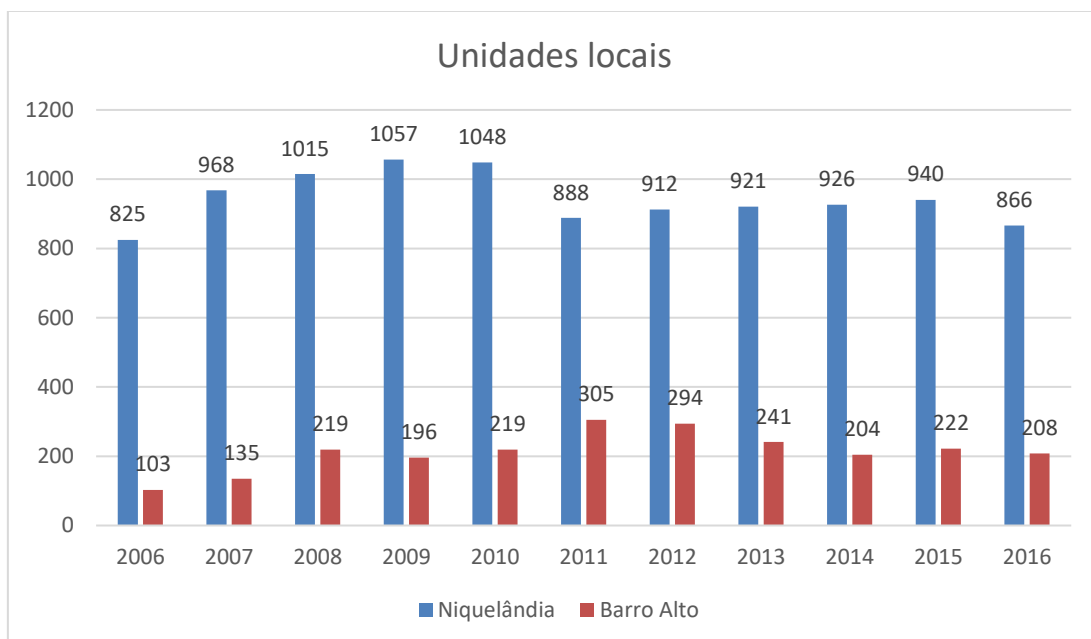
**Gráfico 12: Salário médio mensal – Niquelândia x Barro Alto – 2007 a 2016 (base: salário mínimo)**



Fonte: IBGE (disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

Enquanto Niquelândia, desde 2011, apenas caiu, Barro Alto, apesar de algumas flutuações não lineares, de 2012 até 2016, basicamente cresce. Niquelândia passa de 14º lugar em 2007 para 31º em 2016, por outro lado, Barro Alto sai de 26º para 11º em relação ao estado, o que demonstra seu absoluto crescimento. No que concerne ao número de firmas funcionando, as flutuações são menos lineares ainda.

**Gráfico 13: Unidades locais – Niquelândia x Barro Alto – intervalo: 2006 a 2016**

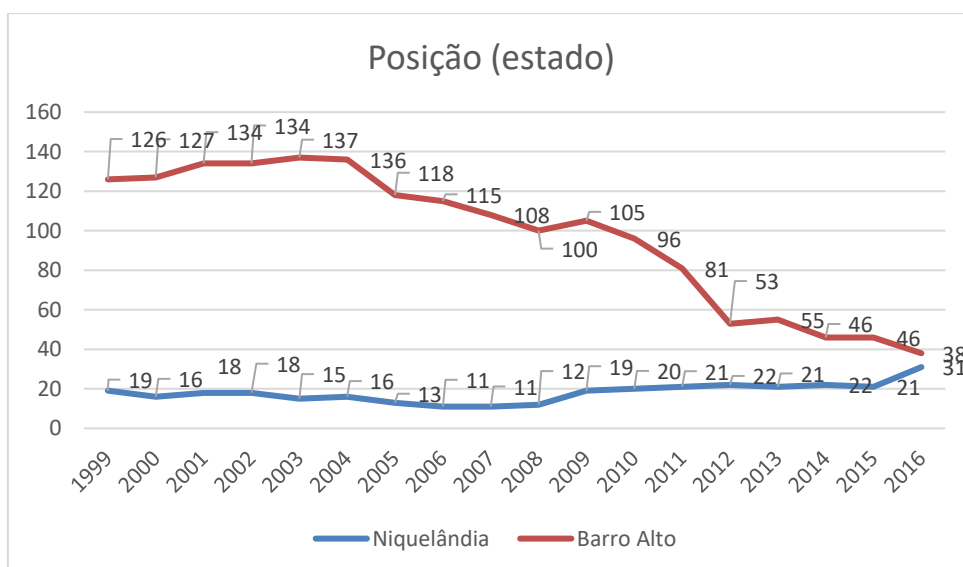
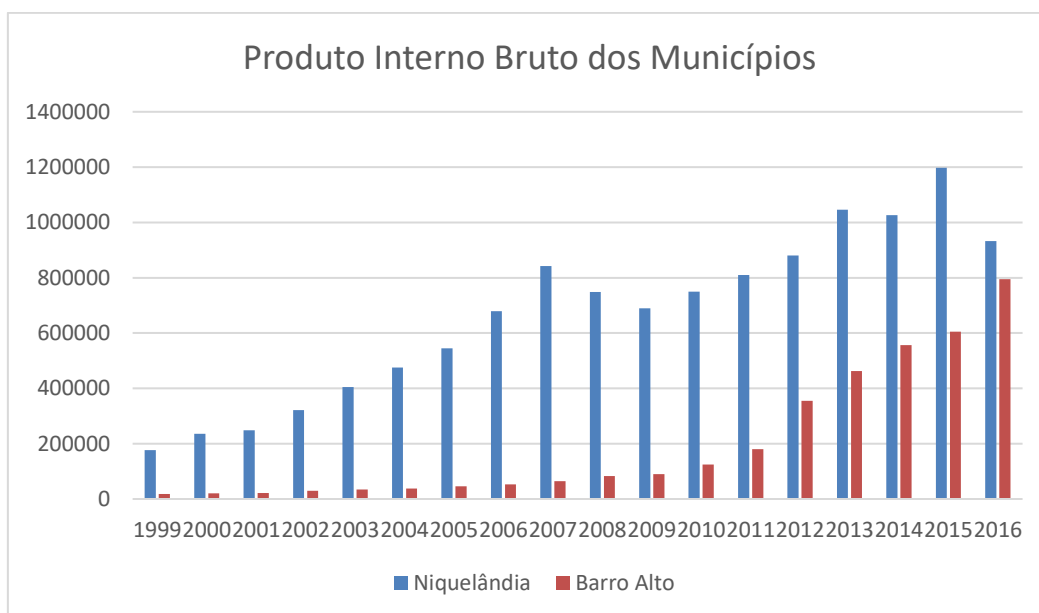


Fonte: IBGE (disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

Niquelândia tem uma alta pontual nos anos de 2008, 2009 e 2010. Já Barro Alto, apesar de fluxos bem inconstantes, com duas marcas de altas, muito significativas nos anos de 2011 e 2012, traz consigo o feito de, no intervalo proposto, ter em 2006, 103 firmas, e fechar em 2016 com mais do que o dobro, 208 unidades locais.

Sobre o Produto Interno Bruto dos Municípios (PIB a preços correntes), Barro Alto traz uma especificidade, que será tratada a seguir.

**Gráfico 14: Produto Interno Bruto dos Municípios – Niquelândia x Barro Alto – intervalo: 1999 a 2016 (unidade R\$ x1000)**



Fonte: IBGE (disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>)

A presente sondagem indica o ponto central da utilidade em realizar a comparação entre as duas cidades. Barro Alto dá um salto do início do intervalo em 1999 para 2016. Isso ocorre por conta da instalação, em 6 de dezembro de 2011<sup>13</sup>, da operação da Planta Industrial de Barro Alto, voltada para a produção de níquel, tendo como responsável a empresa Codemin S.A., pertencente ao grupo Anglo American (a mesma que opera em Niquelândia). A empresa aportou um investimento da ordem de R\$ 1,9 bilhão<sup>14</sup> no processo de implantação.

Dessa forma, Niquelândia e Barro Alto vivem realidades muito distintas. Enquanto a primeira, conforme vem sendo analisado no decorrer deste trabalho, passa por uma crise de vultuosas proporções, em que no levantamento proposto passa de 19ª colocada no estado em 1999 para 31ª em 2016, a segunda nos últimos anos cresceu e vem se desenvolvendo, garantindo no mesmo levantamento um salto destacado, saindo de 126ª em 1999 para 38ª em 2016. Para ilustrar essa disparidade, cabe observar que o PIB per capita de Niquelândia em 2016 foi de R\$ 20.463,76, enquanto o de Barro Alto bateu R\$ 77.671,72.

Em relação às despesas, também há uma assimetria. Na medida em que Barro Alto, no ano de 2017, empenhou um total de R\$ 59,2 milhões e teve R\$ 72 milhões de receitas totais realizadas, Niquelândia empenhou R\$ 118 milhões, mas teve como receitas R\$ 113 milhões, terminando em um saldo negativo.

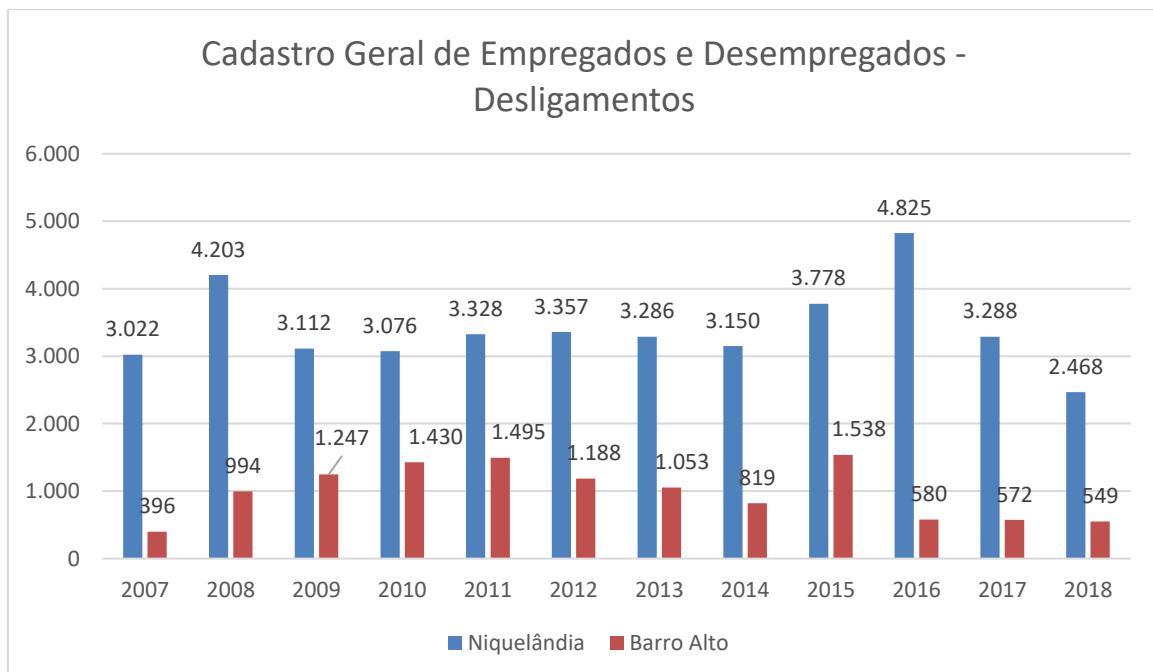
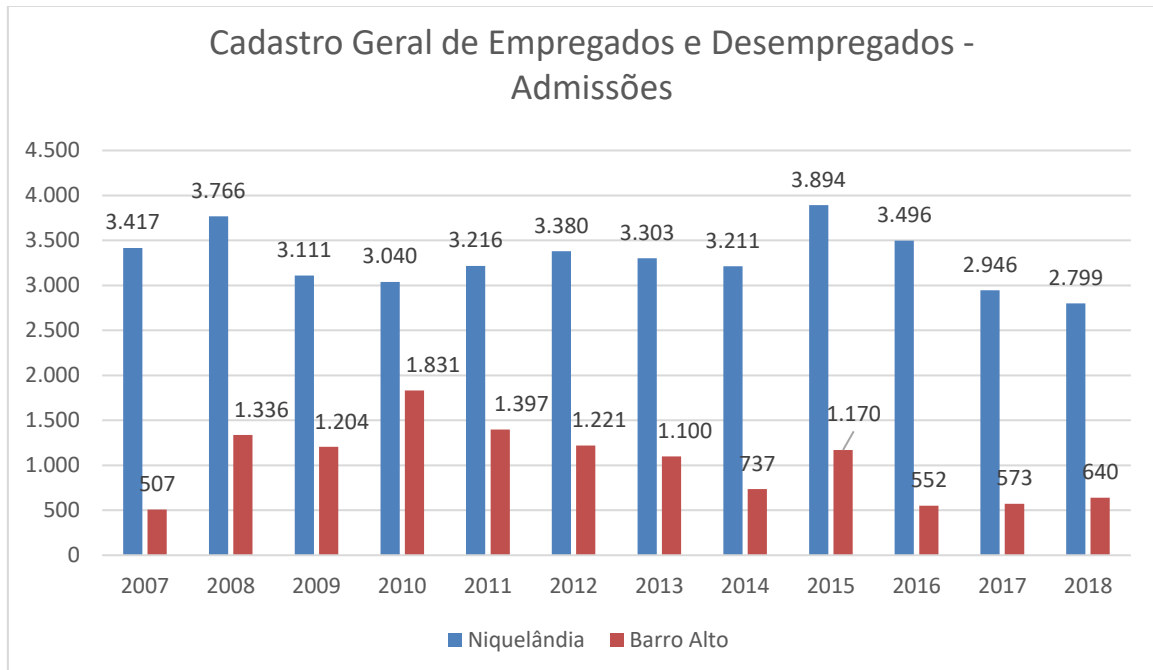
No tocante à questão do emprego, segue a série histórica de 2007 a 2018:

---

<sup>13</sup> Disponível em: <[https://brasil.angloamerican.com/imprensa/press-releases/year2011/15-12-2011a?sc\\_lang=pt-PT](https://brasil.angloamerican.com/imprensa/press-releases/year2011/15-12-2011a?sc_lang=pt-PT)> Acesso em 23 dez. 2018.

<sup>14</sup> Disponível em: <[https://brasil.angloamerican.com/imprensa/press-releases/2016/06-12-2016?sc\\_lang=pt-PT](https://brasil.angloamerican.com/imprensa/press-releases/2016/06-12-2016?sc_lang=pt-PT)> Acesso em 23. dez. 2018.

**Gráfico 15: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – Niquelândia x Barro Alto – intervalo 2007 a 2018**



Fonte: CAGED (disponível em: [http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged\\_perfil\\_municipio/index.php](http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php))

Conforme já tratado anteriormente, Niquelândia apresenta um marco de demissões em 2016, com o total de 4.825 desligamentos. Tal resultado certamente tem relação com a interrupção das atividades da Votorantim. Por sua vez, Barro Alto segue tendência de estabilidade, não registrando nesse e em nenhum dos anos posteriores alterações significativas.

## CAPÍTULO 4: PERCEPÇÃO DOS ATORES LOCAIS E INICIATIVAS DE NIQUELÂNDIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

O capítulo em curso, tem dois propósitos. Primeiramente, demonstrar uma face da percepção da população niquelandense acerca do fenômeno do fim do superciclo das *commodities*, e das respectivas consequências em suas vidas cotidianas. Para tanto, utiliza-se o modelo de entrevista semiestruturada, mediante a aplicação de um questionário padrão. Nesse sentido, algumas possuem mais informações do que outras (de acordo com o fluxo do diálogo com o entrevistado), pois o foco é realmente no depoimento livre. Em segundo lugar, apresentar iniciativas de Niquelândia para o desenvolvimento local, especificamente no contexto do Pacto de Cooperação pelo Desenvolvimento de Niquelândia.

### 4.1 PERCEPÇÃO

A proposta do presente bloco é ilustrar com personagens reais a dinâmica de Niquelândia, sobretudo nos termos da atual crise econômica. Houve, desse feito, um distanciamento proposital entre o entrevistador e o entrevistado, não havendo, portanto, interação entre os dois no decorrer do diálogo, para além das perguntas pré-estabelecidas.

Foram realizadas durante o mês de janeiro, via telefone, e transcritas na íntegra. Nesse sentido, cabe reiterar que:

[...] os dados que podem ser analisados, tendo como procedimento de coleta uma entrevista, são inúmeros e o produto verbal transcrito é um dos possíveis recortes desses dados. Dessa forma, temos optado, atualmente, por utilizar as expressões informações advindas da entrevista, dados advindos da entrevista, verbalizações advindas das entrevistas, ao invés da expressão a entrevista foi transcrita e analisada, pois, como apontamos, muitas podem ser as informações transcritas, de natureza verbal ou não-verbal, e muitos podem ser os dados a serem analisados (MANZINI, 2006, p. 371).

Portanto, é compreensível que alguns elementos empregados na entrevista, expressões, intenções, entonações, não sejam relatados.

Além disso, considerando as dezenas de páginas transcritas e o efetivo objeto de interesse, algumas edições foram feitas. Não no sentido de mudança de termos,



mas de recorte de conteúdos não conexos com a proposta da dissertação em curso. É justo afirmar que:

As entrevistas podem e devem ser editadas. Exceto quando se pretende fazer análise de discurso, frases excessivamente coloquiais, interjeições, repetições, falas incompletas, vícios de linguagem, cacoetes, erros gramaticais, etc. devem ser corrigidos na transcrição editada. É importante, porém, manter uma versão original e uma versão editada de todas as transcrições [...] (DUARTE, 2004, p. 221).

Isto posto, seguem as questões.

**1. Questão proposta:** Sua atividade econômica em Niquelândia, sua formação e relação com a cidade?

**Entrevistada:** Ana Matilde

Meu nome é Ana Matilde, porque a mãe da minha mãe chamava Ana, e a mãe do meu pai, Matilde. Quer dizer, até o meu nome é um nome de tradição. Minha avó materna nasceu e se criou aqui em Niquelândia, e ela era nora da dona da primeira pensão de Niquelândia. Então a minha mãe conviveu com a dona da pensão durante a vida dela enquanto jovem.

Tudo que vinha pra Niquelândia, aqueles alemães que vinham para explorar o níquel, as primeiras pessoas que vinham para explorar e para fazer pesquisas, todas ficavam lá na pensão ali por volta dos anos 30, 40. E sempre contavam histórias.

Na época da segunda guerra mundial vieram alemães aqui pra explorar. O pessoal falava que era urânio, para fazer bomba atômica. Eles não tinham mão de obra aqui em Niquelândia para fazer tudo que eles queriam, então eles foram lá numa cidade na Bahia e trouxeram muitos caminhões cheios de famílias para trabalhar, para explorar o minério. E eles ficaram ai, parece que, mais de dois anos. Quando eles souberam que a guerra tinha acabado eles sumiram e deixaram as famílias sem condição de comidas nem nada. A única coisa que eles tinham eram os caminhões e o combustível.

Até hoje tem algumas famílias em Niquelândia que vieram nesse tempo. Mas a maioria desceu a pé para Barreiros.

Minha vida foi em Niquelândia, nasci e me criei aqui, morei aqui até o ginásio. Fui morar em Goiânia Depois eu casei, morei fora. Quando eu retornei aqui pra Niquelândia, meu pai era um comerciante eu trabalhei com ele e depois eu estive duas vezes como secretária de cultura, de 2000 a 2004 depois eu de em 2017 durante 1 ano e 9 meses, aproximadamente.

Quando eu estive como secretária em 2004 e 2008 foi uma oportunidade muito grande que eu tive de realizar um monte de coisas. Nós fizemos dois fóruns municipais de cultura onde pudemos analisar as condições com pessoal do congo, por exemplo. A gente realizou um projeto para dar toda estrutura para a Congada de Niquelândia. Naquele tempo ela estava bem enfraquecida, quase acabando, mas é uma cultura que não acaba, ela é

uma coisa que emana do povo, ela veio desde os navios negreiros, com os negros que aqui chegaram para explorarem as minas de ouro, então ela não acaba a congada. Mas ela perde o brilho. E por isso, quando eu estive na superintendência nós fizemos roupas novas, sapatos etc. Hoje em Niquelândia tem quase 100 congos, na época eram 28. De lá pra cá deu uma abrihantada nessa cultura, que é uma das mais importantes em Niquelândia que é a congada.

Outra coisa que realizamos foi a Sinfonia do Cerrado, na época, através da Lei Rouanet, nós tivemos a oportunidade de montar a orquestra dos violões, em 2003. Até hoje a orquestra existe e já formou muitos jovens.

Foi no comecinho dos anos 80 que começou o processo de exploração do minério e Niquelândia começou a receber os *royalties*. Até os anos 80 Niquelândia vivia em sonho da mineração que aconteceria no futuro. A sociedade era Vilas, muito pacata e parada, estagnada. Os carros que vinham eram só os carros do pessoal do minério. Nesse tempo Niquelândia foi perdendo os bens culturais, porque Niquelândia é uma cidade da mesma idade de Pirenópolis. Os fundadores são os mesmos. O pessoal de Niquelândia ficou vislumbrando uma Niquelândia moderna, industrializada, por causa do minério... E foram vendendo ou deixando cair as casas antigas. Os padres vendiam as obras de arte que tinham nas nossas igrejas... e assim foi perdendo os bens culturais pensando em ser a Niquelândia de hoje, com energia elétrica, com pessoas de fora, estrangeiros. Já no final dos anos 70 começou a vir o pessoal que ia trabalhar na empresa (de mineração) mesmo. Foi uma invasão de homens em Niquelândia. E então começou a chegar asfalto, que antes não tinha, melhorou a energia, porque antes era de péssima qualidade.

Muitos comerciantes começaram a se instalar, abrir mercado. Hospitais começaram a se instalar. Nos anos 80 continuou a melhorar, chegaram médicos. E Niquelândia se transformou nessa cidade.

### **Entrevistado: Ronaldo**

Sou natural de Niquelândia. Saí apenas pra fazer faculdade, porque na época não havia faculdade aqui. Fiquei 3 anos em Rio Verde, Goiás, fiz o curso de administração, trabalhei numa empresa de papel. Trabalhei em controle de qualidade e gestão da qualidade. Nesse momento eu tive contato com a teoria da administração na escola, e a prática no trabalho. De lá voltei para Niquelândia. Em 2005 eu me tornei professor pelo SENAI. Dando aula de administração, durante 4 anos.

Saí para cuidar do meu negócio. Em 2008 houve uma crise muito forte no município, e depois eu abri uma outra empresa. A empresa cresceu e se desenvolveu.

### **Entrevistado: Paulo Martin Ronaldo**

Meu nome é Paulo Martins eu trabalho na área de equipamentos rodoviários, sou filho de um empresário e proprietário rural e de uma dona de casa, nascida em Niquelândia. Sou aqui de Niquelândia mesmo, saí para estudar voltei. Fiz direito, sou advogado bacharel, em Goiânia. Atuei há muito tempo na área política, fui vereador de 82 a 88. Fui secretário

municipal de agricultura em 97 e 98 e secretário de governo em 2017. Hoje estou trabalhando no sindicato.

**Entrevistada:** Íris Rincon

Meu nome é Iris, moro em Niquelândia desde 1992, sou formada em nutrição, pela Universidade Federal de Goiás. Em 2003 montei uma pequena empresa para prestar serviço para mineradora na área de transporte. Hoje sou vereadora aqui na cidade. Meu esposo é agrônomo e é produtor de soja.

**Entrevistado:** Paulo Brandão

Meu nome é Paulo Roberto Brandão, sou natural de Goiás, vivo em Niquelândia desde 1983. Trabalhei com garimpo e compra de ouro, mas tive pouco resultado. Sou de uma família do ramo de panificadora, foi através dela que consegui conquistar o que queria. Atualmente eu trabalho com compra de cristais. O Tipo de cristal que eu trabalho dá em todo município de Niquelândia. Esses cristais são pouco explorados. Esses cristais são usados principalmente para pedras ornamentais. Em formatos de bola, estrelas, no formato natural dele, para confeccionar objetos de ornamentação.

Eu fundei a associação comercial de Niquelândia em 1993, presidi ela por 4 mandatos. Atualmente sou membro, mas pouco ativo, para abrir espaço para novas pessoas, para uma renovação. Estive no governo de Antônio Teixeira, no mandato passado, ele me convidou para auxiliar a secretaria de indústria e comércio. Nós fizemos um bom trabalho, realizando uma parceria essencial com o Sebrae, que foi um grande parceiro importante.

**Entrevistado:** Wilton Roberto Guimarães

Wilton Roberto Guimarães, nascido aqui em Niquelândia e hoje moro aqui, tenho 52 anos. Sou funcionário do Banco do Brasil e também sou agropecuarista, também fui vice prefeito e secretário de finanças. Minha família também é aqui de Niquelândia.

**Entrevistado:** Lucas Souza Moraes

Meu nome é Lucas Souza Moraes, sou empresário, estou como secretário municipal de agricultura e pecuária há 2 meses, aproximadamente. Sou de Niquelândia nasci e vivo na cidade, formado em zootecnia e curso também o 4º período de administração pública na UEG (universidade Estadual de Goiás) e tenho 29 anos. Saí de Niquelândia apenas para estudar e depois voltei.

**Entrevistado:** Fainy Rodrigues

Cheguei em Niquelândia com 3 anos de idade e fiquei até os 20. Eu sou professor universitário como coordenador de curso. Faz 6 anos que voltei pra cá. Sou biólogo e também tenho formação em química. Trabalhei por 17 anos na indústria, na parte de laboratório. Fiquei em torno de 15 anos fora de Niquelândia. Quando voltei, logo depois aconteceu a paralização da Votorantim Metais, em 2013.

**2. Questão proposta:** Como a chegada das Mineradoras, na década de 80, contribuiu para o desenvolvimento de Niquelândia?

**Entrevistada:** Ana Matilde

Jamais sem essas mineradoras Niquelândia seria uma cidade como é hoje. Porque Niquelândia está geograficamente bem localizada, sem a mineração nós teríamos aqui apenas terras agricultáveis.

A sociedade mais bem formada. Hoje temos a oportunidade de faculdade aqui. Sem as empresas isso dificilmente aconteceria, teríamos todos que sair para estudar. Ela seria uma cidadezinha pacata, pequena.

Ao mesmo tempo, eu olhando Pirenópolis, eu vejo que Niquelândia também poderia ter desenvolvido o turismo. Porque aqui tinha o mesmo número de casarões que lá. Mas como tinha o minério, foi o que sobrou para nós.

**Entrevistado:** Ronaldo

Se for pensar no privado, ela contribuiu muito para o município. Embora eu veja que a parte social ficou um pouco a desejar, porque isso não aconteceu com o sistema público.

Pode ser até que a mineradora, no passado, quisesse trazer um projeto para o poder público, mas não teve respaldo do prefeito, dos vereadores.

Não souberam aproveitar essa força que a mineradora tinha. Eu penso que as mineradoras se cansaram e desistiram de realizar projetos sociais. Porque eles tinham vontade de ajudar na construção da infraestrutura do município.

A conduta da Votorantim e da Anglo American são diferentes. Votorantim dedica energia pro município, e a Anglo American já um pouquinho mais, porém ela aparece menos.

O comércio de Niquelândia são os moradores daqui. Mas eles consomem pouco do que é local. Se analisar o tanto que eles consomem aqui, é pouco.

Eu acho que o que eles consomem aqui não é nem 5% de tudo que eles compram. A maior parte é comprada fora de Niquelândia.

Agora eu estou pensando em abrir outros comércios fora daqui. De 500 mil que se gasta no mês, não fica 50 mil aqui na cidade.

Hoje a cidade produz pouco, mas antes, quando as mineradoras produziam muito, a cidade não soube aproveitar.

**Entrevistado: Paulo Martin Ronaldo**

O modelo de desenvolvimento da década de 80, que não difere muito desse modelo atual, é o modelo exportador. Então não importava os resultados sociais. Então do ponto de vista econômico tivemos um ganho, com arrecadações recordes durante um período grande. Tivemos um desenvolvimento, que não é sustentável. Mas não tivemos da parte de quem administrou a cidade nesse período, a construção de uma alternativa econômica ao empreendimento de mineração. Isso se deve ao fato de que os problemas chegaram juntos e como não veio nenhum fundo de apoio ao município, ele teve que gastar boa parte do que arrecadava com saneamento, pavimentação, escola, estradas, que eram necessidades que vieram junto com a atividade de mineração.

Então a cidade teve que lidar com os impactos positivos e negativos da chegada desse empreendimento.

Muitas pessoas vieram para Niquelândia e ganharam muito dinheiro, pois já sabiam como se ganhar dinheiro com o início da atividade de mineração numa cidade (pois já viveram isso em outros lugares) E depois foram embora. Os moradores de Niquelândia viraram então os trabalhadores da mineração.

Não se pode negar, a cidade era uma, hoje ela é outra, mas não estávamos preparados. Por exemplo, a migração da zona rural para a zona urbana, foi motivada por uma expectativa de melhores condições como casa, escola, serviços públicos, um salário certo, na zona urbana. Mas muitas dessas expectativas foram frustradas.

Nos últimos 10 anos a cidade se transformou. Mas há um problema econômico, pois a cidade vive de uma economia de salário, e de salários baixos. Não é uma vila de engenheiros, é uma vila de operários. E nós temos ainda outro problema, que nós ganhamos um segundo sonho, que era o chamado ferro líquido, que conseguiu um financiamento alto do BNDES, isso animou mais uma vez a cidade e dentro de 14 anos isso parou e o empregado que foi dormir com trabalho (no ferro líquido) acordou desempregado, sem ninguém saber porque, sem muita explicação. As pessoas foram tomadas de assalto, do gerente da unidade até o cargo mais baixo.

**Entrevistada: Íris Rincon**

Eu acredito que as empresas contribuíram em termos de emprego e tecnologia. Antes delas a Cidade só vivia de agricultura, agricultura da subsistência.

Temos um município atípico, pois além de uma extensão territorial muito grande, é um Município fora de rota (sem uma rodovia cruzando), o que dificulta bastante o acesso.

A contribuição das mineradoras então se deu em geração de renda, emprego para a comunidade, escolas, postos médicos, portanto, uma melhora em qualidade de vida.

**Entrevistado: Paulo Brandão**

As mineradoras foram essenciais. Eu vim pra cá quando eu vi o fluxo de pessoas por causa da mineradora. No início havia garimpo de ouro e uma procura muito grande por trabalhadores. Eu vim, tentei explorar ouro aqui, depois montei a panificadora. Algum tempo depois eu percebi a necessidade de se fundar uma associação comercial, pra tentar superar os desafios que encontrávamos aqui. Porque aqui acontecia assim: as empresas disponibilizavam cerca de 30 ônibus, por semana, para as pessoas irem fazer suas compras em outras cidades, nos mercados de outras cidades. O dinheiro, então, não ficava no município.

Então isso foi motivando a gente de começar a combater essa situação. Então nós fundamos a associação comercial e começamos a cobrar das empresas. Porque, como é que pode uma empresa que trabalha na cidade, pagar o salário do funcionário e patrocinar a fuga de dinheiro de Niquelândia.

Então a associação começou a trabalhar em prol do município. Niquelândia tinha mercado, tinha comércio, mas não tinha estradas. Então os produtos para chegarem aqui, pagavam um frete caro. Por isso não tinha concorrência com comprar na capital, por causa da dificuldade de chegar lá.

Eu vejo que de 2007 pra cá, começou o projeto que deu outro 'boom' de crescimento na cidade, vieram muitos prestadores de serviço etc. Isso até 2009, mais ou menos. De lá pra cá, diminuiu porque finalizaram esse projeto. Depois com o fechamento da Votorantim houve outro baque. A situação hoje não é mais tão boa. Uma pessoa que há 10 anos vendia 100mil, 90 mil, hoje está vendendo 50, 60. Não teve mais crescimento.

Tínhamos um comércio muito bom, muito ativo, muito forte, e deu uma queda acredito que de 30, 40% mais ou menos. E eu acho que o próprio comerciante aprendeu a viver com essa queda hoje.

Esses últimos 3 anos estão sendo terríveis pra nós, com a paralização da Votorantim. Com os atrasos do funcionalismo público. Hoje o funcionalismo público, na verdade, ele movimenta o comércio de Niquelândia. Hoje se você conversa com um comerciante, ele diz que se a Prefeitura estivesse pagando direitinho, o comércio não teria sentido tanto o fechamento da mineradora.

Porque foi um golpe duplo, tanto a mineradora fechou, quanto a Prefeitura está nessa situação, estão mais ou menos 3 meses atrasados na folha.

Se a Prefeitura, pelo menos, funcionasse em dia, a cidade estaria bem melhor. Essa crise tem como motivos: 1 a paralização da Níquel; 2 o funcionalismo sem receber na data certa, funcionários sem receber até hoje. O problema do Níquel foi o preço na bolsa que caiu muito, o valor das *commodities*. Eu acredito que eles vão voltar ainda.

Na Prefeitura o problema foi a quantidade de funcionários concursados. A Prefeitura de Niquelândia hoje tem uma quantidade imensa de funcionários na folha. Eu acredito que se reduzisse em 40% o funcionalismo, continuaria funcionando perfeitamente.

Não digo nas partes como a saúde etc. Mas na educação, por exemplo, Niquelândia tem hoje 1 professor para cada 5 alunos. Se todos os professores forem pra sala de aula, faltam alunos.

Na minha secretaria, com mais de 30 pessoas contratadas, eu trabalhava diretamente apenas com 4, as outras ficavam divididas entre outros departamentos.

É preciso achar um meio de fazer um plano de demissão voluntário, por exemplo. O complicado é que a Prefeitura não está conseguindo nem pagar o salário, quanto mais a demissão.

**Entrevistado: Wilton Roberto Guimarães**

Niquelândia se desenvolveu com base nessa indústria mineradora. Deste final dos anos 70 pra cá, o desenvolvimento foi baseado nisso. A Cidade se desenvolveu bem, mas não soube aproveitar essa oportunidade. A população de Niquelândia não enriqueceu, apesar de ter riqueza circulando.

Faltou visão de nós mesmos, niquelandenses, em aproveitar as oportunidades do minério.

Foram algumas décadas de renda para a cidade, até 2008, quando aconteceu essa crise internacional, até a crise do minério. Teve um projeto da Votorantim que foi cancelado, o ferro Níquel. Após isso a própria Votorantim também encerrou as atividades. Foi um processo importante, o da mineração, mas hoje vemos que nós não conseguimos tirar muito proveito dele.

No período de 2008 para cá não houve desenvolvimento. Na realidade eu diria até que houve regresso. Com a paralização da Votorantim e desistência do projeto Ferro Níquel, não conseguimos mais nos desenvolver. A cidade estava muito focada no minério, mas não se preparou para a mudança dessa realidade.

Hoje existe o início de uma atividade agrícola, mas mesmo assim está muito longe de propiciar o que o minério gerou no município.

**Entrevistado: Lucas Souza Moraes**

Eu acho que as mineradoras ajudaram a construir a cidade, a transformar Niquelândia – isso é público e notório – mas também há outro lado problemático. A chegada da mineradora movimentou muito a cidade, mas teve um impacto cultural nas pessoas. Como existia muito dinheiro em circulação, formou-se uma cultura clientelista nas pessoas.

A Prefeitura também tinha uma arrecadação grande, então tudo se organizou para oferecer serviços para a mineradora em todas as frentes. Nunca pensaram em atividades que pudessem sobreviver sem a mineradora. A cidade precisava se preparar para ficar independente do minério. Mas a população ficou acomodada.

Outras ações que tentavam desenvolver, na cidade, outra vocação econômica, eram deixadas de lado, pela abrangência da mineradora. Criou-se então essa dificuldade.

Nós tivemos uma crise em 2008/2009, que deu uma paralisada no desenvolvimento, mas podemos dizer que de 2009 até hoje, também não foi de muito crescimento. Poucas coisas evoluíram nesse período.

O que cresceu, foi por conta das mineradoras. Acidade ficou estagnada, para não dizer que até retroagiu em alguns pontos.

**Entrevistado: Fainy Rodrigues**

A chegada das mineradoras contribuiu drasticamente para o desenvolvimento da cidade. O município por ser muito grande tinha uma diversidade maior da atuação do agronegócio. Hoje tem muita gente que ainda não adere tanto à tecnologia. Antes da chegada da mineração a agricultura era assim.

Durante muito tempo, com a mineração em Niquelândia os impostos fortaleceram o Estado. Foi através do desenvolvimento de Niquelândia que houve o crescimento do norte de Goiás. Se não tivesse a mineradora eu não teria voltado para cá, porque meu pai veio trabalhar nela.

Nos últimos 10 anos tiveram altos e baixos. Em 2008 houve uma crise. A cidade estava conformada com uma situação. Normalmente quem era contratado se aposentava lá. Depois do fechamento o negócio desabou.

3. **Questão proposta:** Como você explica a crise que Niquelândia passou nos últimos anos?

**Entrevistada: Ana Matilde**

Há 20 anos as próprias empresas começaram a preparar para o fim do minério. O grande responsável pela crise foi o despreparo da classe política de Niquelândia. Os prefeitos que administraram, não prepararam a comunidade, a Prefeitura para chegar nesse momento.

Quando eu entrei de 2000 a 2004, eu me lembro muito bem do pessoal da Anglo American, que falava que Niquelândia precisava estruturar outra vertente econômica, que precisava industrializar outros setores. Eles já diziam que em 30 anos acabaria o minério (tanto que o projeto da sinfonia do cerrado<sup>15</sup>, era um legado que queriam deixar em Niquelândia. Os prefeitos que foram entrando recebiam impostos muito altos das mineradoras, chegaram a receber 18 milhões, e não se preocuparam em fazer um plano, ou não tinham capacidade pra isso. Eles chegaram a tentar desenvolver a área turística, uma vez, mas eles não trabalharam a infraestrutura necessária para o turismo, eles gastaram dinheiro com show, artistas e a cidade não estava preparada para receber turistas. Se tivessem investido em restauração [...] eu acho que hoje nós teríamos uma cidade preparada para receber o turista. Foi uma falta de capacidade da administração pública que não conseguiu aproveitar a época de glória para preparar a cidade. Como, por exemplo, criar um parque industrial em Niquelândia... fábrica de vassoura, de rodo...

As forças políticas não prepararam a cidade, mesmo sabendo que o minério era um bem finito.

---

<sup>15</sup> Projeto de formação musical, patrocinado pela empresa Anglo American, que existe em Niquelândia desde 2001.



Agora a realidade nossa é a agricultura e o turismo. São as duas vertentes econômicas que estão surgindo.

**Entrevistado: Ronaldo**

A crise da cidade de Niquelândia, analisando a crise, ela é o resultado do pensamento da sociedade aqui. Isso vai ser mudado. Baseado no que Niquelândia possui de riqueza, mineração é uma coisa secundária. Não é a principal riqueza. O município é muito rico em agronegócio e turismo. Mais de 70% das terras são irregulares. Nós temos potencial de turismo. Mas não é aproveitado. Como fazer isso? É a sociedade. Somos qualificados, mas há uma desmotivação em relação à questão política.

Ainda tem solução, mas está muito tarde. Por isso a falta de motivação.

Era uma Prefeitura com arrecadação razoavelmente boa, e ela usou o dinheiro de forma imprudente. Nós tivemos aqui certas atividades com recurso da Prefeitura, como shows de artistas de nível nacional, com preços altos.

Tivemos contratos milionários, como por exemplo, o projeto chamado Avenida Rural, que não existiu nem no papel. Deixou uma dívida de 12 milhões para a Prefeitura.

Gastou-se também muito com folha de pagamentos de cargos comissionados. Além de mordomias, festas.

Faltou criar um fundo para esse período de vacas magras, não se deixou infraestrutura. Investiu-se pouco, na agricultura, que seria a alternativa econômica para a cidade.

A título de promoção do turismo, fizeram shows sem preparar a cidade, então, tivemos gestões sem responsabilidade e que abusaram dos recursos públicos.

A crise é a somatória desses projetos mal elaborados e da gestão temerária que se fez da Prefeitura de Niquelândia nos últimos anos. Sem consequência nenhuma para os responsáveis.

O fechamento da Votorantim foi por ser uma indústria antiga, com custo alto de funcionamento.

Não se pode parar uma indústria dessas como se chegasse em casa e apagasse a luz. Sem aviso prévio, sem nada... Faltou o Estado interferir, já que os recursos foram também públicos.

Estamos na terceira tentativa de criar um plano de desenvolvimento. Vieram muitos consultores para ajudar a desenhar os projetos, mas pouca coisa foi efetiva ainda.

A relação da Mineradora com o poder público e a sociedade é, ainda, autoritária. Eles falam e a gente tem que obedecer. Falta uma estratégia de desenvolvimento mais completa.

Um governo que muito falou e nada fez, uma Prefeitura também pouco atuante.

**Entrevistada:** Íris Rincon

Essa crise começou há quase 20 anos, houve um momento de arrecadação no município (hoje ela é apenas 60% do que já foi), só que tínhamos uma gestão que não priorizaram outras atividades econômicas. O poder público fez uma decisão errada. Houve um inchamento da folha de pagamentos da Prefeitura, que tinha cerca de 500 funcionários e hoje tem quase 2000. Hoje a maior geradora de emprego é a Prefeitura.

A Prefeitura se acomodou com o *royalty* e não desenvolveu outras áreas como comércio, indústria, agronegócio etc. Não se teve a visão de que isso iria acabar.

Hoje 70% da arrecadação está comprometido com a folha de pagamento da máquina pública. Durante anos o município não recolheu INSS.

Mesmo com a arrecadação caindo não se reduziu folha de pagamento. Estratégia para eleição.

**Entrevistado:** Wilton Roberto Guimarães

Aqui eu considero que teve um tripé de coisas desfavoráveis: 1- a crise do país, que todos vivemos, 2- Para o município, diminui muito a arrecadação e 3- A diminuição dos *royalties*.

Esses três fatores foram os principais para a crise no município de Niquelândia. Isso representou um impacto muito grande na renda do município.

O tamanho da folha de pagamento do município é muito grande, esse é um grave problema no cenário atual de queda de arrecadação. É um problema sério.

No entanto esse é um problema muito complexo de se resolver. Niquelândia é o maior município em extensão territorial de Goiás, o que faz com que seja difícil atender as populações mais distantes e seja necessário um número grande de funcionários. A legislação também é uma trava, pois grande parte dessa folha é de quadro efetivo do município.

Sobre o papel da Votorantim, ela é uma empresa comercial. Possui acionistas que visam ao lucro. Então, na realidade, fomos nós, que não soubemos planejar essa saída da Votorantim. Um exemplo: nós ainda temos a Anglo aqui, e o que estamos fazendo para quando ela encerrar as atividades? Nada. O minério é um recurso finito.

É claro que se a Votorantim fizesse um aviso prévio, evitaria alguns investimentos e prejuízos de outros negócios. E eles também foram pegos de surpresa, porque o minério vinha bem até que o mercado internacional derrubou o preço da *commodity*.

**Entrevistado:** Lucas Souza Moraes

Primeiro, o poder público, não tiveram a preocupação em trabalhar as outras potencialidades do município. Preparar o município para o desligamento da empresa.

Além disso, a estrutura do governo é muito inchada. Acostumada pela época de muitas arrecadações.

Com a saída da mineradora aconteceu um choque de realidade. Perceberam que se não fossemos atrás de uma nova atividade econômica não seria possível sustentar essa estrutura. O motivo dessa crise foi esse, não tivemos prefeitos com visão.

Só que todos os prefeitos tinham a visão de utilizar o dinheiro em atividades pontuais sem se preocupar com o futuro a cidade.

Agora que está acontecendo esse processo, mas ele é muito demorado até se poder ver algum resultado. Eu não acho que as mineradoras tiveram parte nessa crise não. A sociedade poderia ter se organizado para sabotar esse sistema.

Todos os prefeitos a visão que eles tinham era pedir, mas nunca pensaram em fazer um projeto para estruturar o plano de cadeias produtivas. Ou um projeto para deixar nossas rodovias rurais ficarem estruturadas. Eu não culparia as empresas.

#### **Entrevistado: Fainy Rodrigues**

Niquelândia é uma cidade rica, com várias possibilidades. Porém o carro chefe sempre foi a mineração. Os recursos vindos da mineração para o desenvolvimento e melhoria na região foi tudo sumindo.

Quem é o principal culpado? É uma sequência de gestores, com a convivência da população.

Várias outras cidades com menos recursos se desenvolveram até mais. Deveria ser levado um pouco mais a sério a administração pública.

Por isso foi criado o Pacto, para mudar o cenário político.

**4. Questão proposta:** Como você enxerga as novas iniciativas de Niquelândia no sentido de superar essa crise?

#### **Entrevistada: Ana Matilde**

A classe política está sempre denegrindo Niquelândia, falando que não tem dinheiro. Não fazem planejamento na Prefeitura. Que é uma das coisas mais importantes para ter visão de futuro.

Agora, a comunidade, essa começou a se unir e se mexer. O que está acontecendo: Nós fundamos o Pacto. E através dele nós temos conquistado coisas que seriam tarefa do governo, por exemplo: o PDE (plano de desenvolvimento econômico), que nós conseguimos através da Votorantim, está vindo inclusive o pessoal da Arcade, de São Paulo, para construir o PDE.

Estamos construindo também 1º festival gastronômico de Goiás. Nós fazemos parte de um grupo de líderes de desenvolvimento local de Goiás e estamos construindo muitos trabalhos para que o governo enxergue Niquelândia como uma cidade que merece ser vista de maneira diferente. Pois a cidade já contribuiu com impostos volumosos para o Estado e agora precisa de políticas de desenvolvimento econômico e social por parte do Estado e da Federação.

Semanalmente também acontece uma feira, que é o ponto de encontro da comunidade niquelandense

O agronegócio é uma outra área que está crescendo muito. Temos cursos do SENAC de capacitação, reflorestamento de nascentes etc.

### **Entrevistado: Ronaldo**

O pacto vai ser um pontapé dessa mudança que precisamos. Niquelândia era uma cidade sem muita perspectiva de crescimento, mas na realidade aqui é um grande potencial de desenvolvimento do estado de Goiás.

As mineradoras estão desvalorizadas pelo preço das *commodities*, mas isso vai voltar um dia, porque ainda tem muita coisa para explorar aqui. Mas isso não é sustentável.

O pacto tem esse papel de conscientizar, que Niquelândia tem vida. Em Dubai, onde só tinha areia e água salgada, eles fizeram. Aqui é ao contrário, tem a riqueza, mas as pessoas não acreditam. Nós somos ricos e imaginamos que não temos riquezas. E o papel do Pacto é abrir a cabeça das pessoas para isso.

Então, quando as pessoas passarem a acreditar de novo, o pacto vai ser fundamental para essa arrancada em todos os setores. A parte política do município deveria pensar diferente.

### **Entrevistado: Paulo Martins**

Quando houve o fechamento da Votorantim, nós fomos convidados a conhecer uma cooperativa da cidade de Cristalina. Nessa viagem conheci algumas pessoas, que se uniram para construir o que se chamou depois de Pacto. Durante a viagem nós debatíamos que tínhamos que fazer alguma coisa pelo município. Não podíamos ficar esperando pela classe política.

Em 2015, pesquisamos exemplos de cidades parecidas com Niquelândia. Falamos com a Prefeitura, e ela disse que havia uma proposta de fundo de apoio aos municípios.

Falamos com o governador sobre o Pacto.

Dessa proposta do pacto de desenvolvimento surgiram algumas iniciativas. Tentar fazer uma instituição de crédito como uma cooperativa de crédito aqui em Niquelândia. Com a mudança de governo deve acontecer uma mudança na EMBRAPA, Criação da associação de moradores. Associação de pescadores. Passaram a participar de associação comercial.

O pacto virou uma usina de boas ideias.

**Entrevistada: Íris Rincon**

Eu conheço o Pacto. Quem dera que essa tomada de consciência houvesse sido há uns 10, 15 anos atrás.

Temos um grande potencial aqui de agronegócio. Só que aqui, até pouco tempo, as pessoas não tinham despertado pra isso.

Tem um outro trabalho feito com Agro Floresta. O poder público tem que reduzir os postos de trabalho no poder público.

Nós temos um potencial por estar próximo de Brasília. Mas tudo isso precisa ser trabalhado junto com o setor público.

Outra coisa que foi ventilado foi a divisão do município.

Antes existiam cursos técnicos mais voltados para área de mineração. Agora tem se voltado mais para agropecuária.

Se pautar, fazer uma gestão séria, reduzir custo é possível. Sem ser um plano para apagar incêndio, mas um planejamento estruturado. O grande enfretamento que temos aqui é regularização de áreas.

**Entrevistado: Paulo Brandão**

Na realidade, tivemos trabalhos de consultorias que vieram aqui foram excelentes, mas pecaram por falta de continuidade. E esse trabalho se perdeu.

O pacto é essencial, mas ele precisa estar junto com o poder público. Como os membros do pacto são voluntários, muitas vezes não conseguem ter o desempenho que essas consultorias tiveram. Tem a vida particular de cada um etc. Isso dificulta estar junto, realizar as atividades e ter uma atuação mais efetiva.

É preciso fazer esse trabalho de forma continuada, independente do mandato. Porque, acaba o mandato, todos saem, o conhecimento fica pra trás, as pessoas ficam pra trás e volta-se à estaca zero. O Pacto tem ações, mas é pequeno, um trabalho de formiguinha. A mineradora até apoiou, nós fizemos um orçamento, mas poucas coisas se concretizaram.

Poderia, com o apoio da Anglo e da Votorantim, se criar uma agência com orçamento e que tenha estrutura e que não dependa dos mandatos. Nós estamos tentando, mas não é fácil.

**Entrevistado: Wilton Roberto Guimarães**

Todos os esforços que se somam para buscar uma alternativa são muito válidos. Mas infelizmente quando você está no meio político, algumas coisas não dão continuidade.

Por exemplo: Hoje estamos tendo um novo processo de diagnóstico, prognóstico, identificação de riquezas de Niquelândia. Já foi feito isso em outra gestão. Ao invés de se pegar dali para frente.

Hoje nós estamos precisando mais de ações práticas. Pensar no que é possível fazer para melhorar. Porque o estudo de como melhorar já foi feito (e estão fazendo outra vez). Era uma etapa que poderia ser queimada. Os processos são excelentes, os estudos que essas consultorias, em parceria com a Anglo e Votorantim fizeram, o município não teria condições de fazer. O problema é que, conforme mudam as gestões, voltamos ao zero, e não saímos do lugar.

### **Entrevistado: Lucas Souza Moraes**

O pacto surgiu da necessidade da sociedade se organizar, partiu de um grupo de 4 pessoas, a ideia, essa tecnologia social, corremos para pedir ajuda do SEBRAE. Quando a mineradora encerrou, teatro chamando a comunidade a se organizar. A ideia era ser algo exclusivo deles. Hoje o pacto tem engajamento porque as pessoas precisam encontrar saídas para o problema econômico.

Eu perguntei para o SEBRAE, se tinha algum lugar estável no país, que aconteceria.

O início do Pacto é um pouco diferente. As empresas, a Anglo American e a Votorantim, decidiram apoiar. Nós tivemos algumas dificuldades. Nós já conseguimos realizar o fórum.

O Pacto está desenvolvendo um plano com 4 cadeias produtivas: leiteira, horticultura, piscicultura e apicultura. Dentro das nossas limitações estamos fazendo o que é possível.

Mas o pacto tem sido uma ferramenta muito importante. Temos credibilidade junto ao poder público. Temos credibilidade na região norte.

Não existe município forte em uma região fraca, e não tem região forte com município fraco.

Eu estou como secretário, mas também sou presidente de um consórcio. Por questões de má gestão, corrupção ele ficou bem manchado. Compramos a responsabilidade por resgatar a revitalização desses escritórios.

### **Entrevistado: Fainy Rodrigues**

É um movimento com empresas, sindicatos, faculdades etc. A ideia é fortalecer a sociedade, levantando autoestima.

Algumas sementes já foram plantadas. Alguns produtos estão sendo colhido. Sempre envolvendo a comunidade com o maior número de membros possível.

Foi para isso que o Pacto foi criado, tentar quebrar alguns paradigmas, tentar envolver a sociedade, fazer com que ela participe mais e seja mais ativa. A nossa intenção é fortalecer as entidades, fortalecer as pessoas. Muitos governantes não entendem, sempre acham que precisa de algo de

fora para resolver o problema. Eu acho o contrário, que a solução está aqui, com as pessoas daqui. Tem algumas ações que estão sendo trabalhadas no momento... A primeira ação do pacto foi a questão da ferinha.

Criamos 3 ou 4 associações de bairros. Dentro da perspectiva de crescimento, foi montado um curso de agropecuária. Fomos em diversos órgãos buscando parceria.

As respectivas entrevistas coadunam com várias das hipóteses trabalhadas ao longo da presente dissertação. Primeiramente, que o período de superciclo é reconhecido como de aumento substantivo dos investimentos, não só na cadeia produtiva, mas também nas políticas públicas. É percebido que, assim como a crise das *commodities* afetou de maneira ferrenha as estruturas sociais da cidade na dimensão coletiva, ela também interferiu em termos individuais, prejudicando os projetos de vida dos atores sociais envolvidos.

Nos depoimentos, apesar de haver um reconhecimento amplo sobre o impacto da crise mundial, há também muitas considerações acerca da responsabilidade do poder municipal, o que ocorre certamente por sua maior proximidade com os entrevistados.

As entrevistas reforçam ainda o paradigma da produção capitalista, posto que é reiterado nas várias falas o quanto as mineradoras Anglo American e Votorantim são imprescindíveis para o desenvolvimento de Niquelândia. A formação de novas alternativas se dá muito mais em face da impossibilidade de manutenção do status atual de dependência para com as empresas, especificamente a Votorantim, do que como uma escolha autônoma e ideológica.

Muitos dos entrevistados também reforçam a relevância dos movimentos sociais, ainda que o discurso se restrinja a iniciativas de cunho menos independente, com forte preponderância estatal. Nessa direção, muitos dos entrevistados abordam o Pacto de Niquelândia enquanto a concretização desses princípios, tanto em termos de participação, quanto de incidência na agenda pública. Dada sua importância enquanto processo de mobilização e articulação de políticas públicas, o próximo tópico será dedicado à sua análise mais detida.

## 4.2 PACTO

A suspensão das atividades da Votorantim Metais, após 4 décadas de funcionamento na cidade, foi anunciada em janeiro de 2016. Representantes da empresa informaram, conforme veiculado no jornal Diário do Norte (25 jan. 2016, on-line) que, dos 900 funcionários, manteriam, a princípio 150, com o intuito de garantir a manutenção da planta da indústria. Além disso, os representantes se comprometeram a buscar remanejamento interno dos funcionários em outras operações do Grupo Votorantim, afirmando que até 200 funcionários poderiam ser beneficiados pela medida. A empresa comunicou também a manutenção dos programas sociais que desenvolvia em saúde e educação na região.

Tito Martins, presidente da Votorantim Metais, declara na ocasião, sobre a suspensão das atividades, que:

A queda do preço da *commodity* no mercado internacional é a principal razão para termos tomado esta decisão. O custo da produção hoje é de 9,5 mil dólares por tonelada. A venda sai por 8,5 mil dólares por tonelada. Para uma atividade sustentável, só haveria equilíbrio se pudesse ser vendida a 12 mil dólares a tonelada. Mais de 80% do mercado de níquel do mundo está debaixo d'água hoje por conta dessa queda. (DIÁRIO DE GOIÁS, 25 jan. 2016, on-line)

Já o prefeito Luiz Teixeira, declarou que *“Ações concretas vão ser tomadas de forma conjunta. Ficamos seguros, pois, em qualquer momento, com a melhora do preço do níquel, a empresa volta a operar”* (Diário de Goiás, 25 jan. 2016, on-line).

Em 25 de janeiro de 2016, o governador Marconi Perillo se reúne com representantes da empresa e anuncia medidas para amenizar as demissões previstas. Afirma que dará prioridade às obras em execução e se compromete a realizar um programa de requalificação de mão de obra e gestão empresarial para os trabalhadores demitidos.

As atividades são encerradas, conforme previsto, em 1º de fevereiro. Desde então, na ânsia de responder à comoção social produzida pelo evento, sobretudo no contexto das demissões relativas, Niquelândia vem se movimentando.

No dia 22 de fevereiro, por iniciativa do Governo de Goiás e do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE Goiás), é realizada a primeira



reunião pública, com a presença de representantes dos funcionários e de gestores do Grupo Votorantim. O evento tem como mote a constituição de alguma iniciativa voltada à reestruturação das políticas municipais de desenvolvimento. Assim é formado um grupo gestor, composto pelo advogado Paulo Martins, o professor Fainy Rodrigues, da Universidade Estadual de Goiás, e os empresários Lucas Souza e Ronaldo Fernandes, que passa a articular ações relativas.

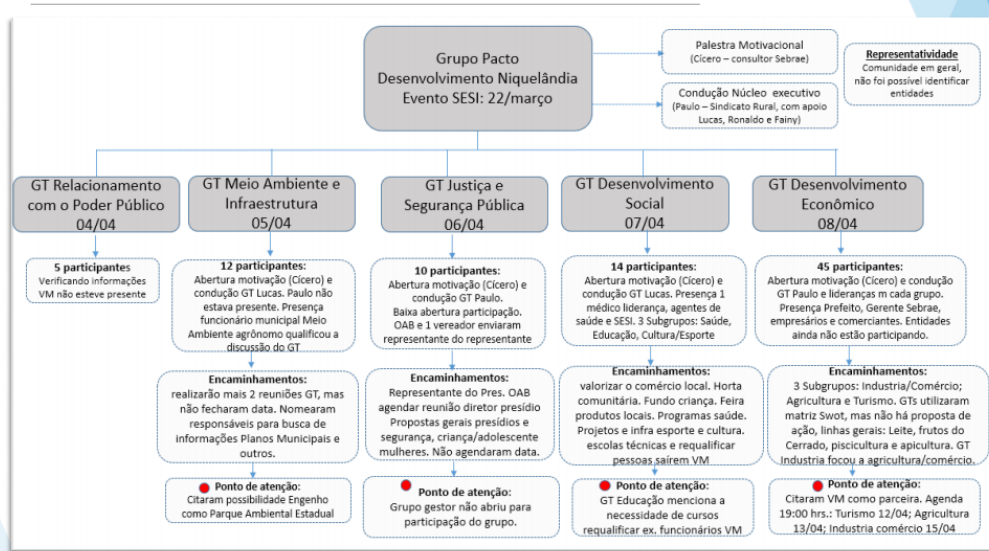
A partir de uma agenda vigorosa de mobilização social, envolvendo autoridades, lideranças locais, escolas e universidades, o grupo realiza em 22 de março, no Serviço Social da Indústria (SESI), sua atividade de inauguração dos trabalhos para a constituição do então nomeado Pacto de Cooperação pelo Desenvolvimento de Niquelândia.

Sua atuação é organizada por meio de 5 grupos de trabalho temáticos: Relacionamento com o poder público, Meio Ambiente e Infraestrutura, Justiça e Segurança Pública, Desenvolvimento Social e Desenvolvimento Econômico. Durante o mês de abril foi realizada a chamada maratona cidadã, com a reunião dos 5 núcleos constituídos por grupos de voluntários que atuaram mapeando cada área. Estabeleceu-se, inicialmente, que o foco seria direcionado para as ações no setor de turismo e desenvolvimento econômico.

Veja a seguir, relato da organização dos GTs, elaborado pelo professor Fainy Rodrigues, em razão de reunião de Planejamento Estratégico do Grupo Gestor (material interno, sem publicação, gentilmente cedido):

Figura 8

## Resultados do Evento SESI (2016)



Lançado oficialmente em 29 de abril de 2016, o Pacto traz como mote a ampliação da autossuficiência municipal e o alargamento das matrizes de produção, deixando assim o status atual de dependência quase exclusiva do minério. Busca-se um plano participativo de desenvolvimento estratégico.

O Pacto é composto inicialmente por: Anglo American, Associação Comercial e Industrial de Niquelândia, Câmara Municipal de Vereadores, Central de Associações de Produtores Rurais, Conselho da Comunidade - Poder Judiciário, Conselho de Pastores, Conselho Tutelar, Igreja Católica, SEBRAE Goiás, Sindicato dos Produtores Rurais de Niquelândia, Sindicato dos Servidores Públicos Municipais, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Extrativas de Niquelândia e Votorantim Metais<sup>16</sup>. A proposta tem por base a mobilização social, a elaboração dos diagnósticos por área, a definição de indicadores a serem utilizados, a proposição de metas, prioridades e o acompanhamento dos resultados tentados.

Em suma, parte significativa do Pacto reúne basicamente diretrizes em termos de participação e controle social para fazer cumprir preceitos já estabelecidos politicamente, tais como: ampliação dos debates, democratização das

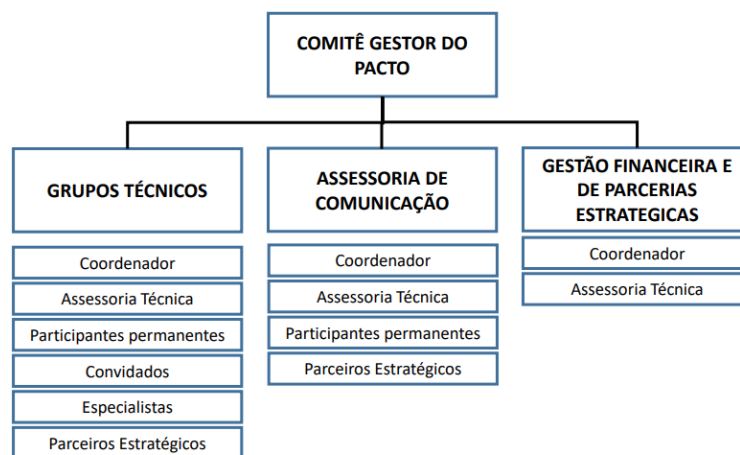
<sup>16</sup> Fonte: Jornal Populacional, disponível em: <<http://www.jornalpopulacional.com.br/noticia/4487-pacto-de-niquelandia-reune-parceiros-na-busca-do-desenvolvimento-local.html>> Acesso em 20 dez. 2018.

informações governamentais, mapeamento dos serviços públicos, construção de equipamentos sociais, obras de infraestrutura, produção de indicadores, capacitação dos agentes públicos... Não há proposta essencialmente nova; o que há são propostas de rearranjo.

O Pacto é pensado a partir de sua auto-governança, com regimento interno e instâncias decisórias. Ainda conforme apresentação do professor Fainy Rodrigues, esse seria o modelo proposto:

**Figura 9**

**PACTO DE NIQUELÂNDIA**  
**Visão Geral do Modelo de Governança**



Um representante de cada um dos 5 grupos compõe o Comitê Gestor, junto com os 4 membros fundadores supracitados, além dos especialistas em caráter de Conselho Consultivo. Esse Comitê é o responsável por definir o modelo de governança, estabelecer o Planejamento Estratégico e dar suporte aos GTs na busca por aliados, parceiros e recursos.

Já os Grupos Técnicos, são os 5 já apresentados. Eles são incumbidos de eleger temas prioritários, definir indicadores, objetivos e metas, além de propor iniciativas (tanto em caráter de ideias, quando de análise de viabilidade e implementação). A Assessoria de Comunicação assume a divulgação das ações e dos resultados, buscando apoio junto à sociedade civil. A Gestão Financeira e de Parcerias Estratégicas define e acompanha o orçamento financeiro das ações do

Pacto, realizando também captação de recurso e prestação de contas. Todos os setores, conforme Visão Geral do Modelo exposta acima têm cargos e funções específicas.

De acordo com Lucas Souza, um dos membros fundadores do Grupo Gestor:

O principal desafio é estimular a participação da sociedade de forma a compreender os ideais e aderir ao pacto. Hoje, a população de Niquelândia já inicia a compreensão sobre a força do pacto em trazer a sustentabilidade ao município. (SEBRAE, 2016, on-line).

Em termos gerais, o Pacto vem produzindo alguns feitos importantes.

Dentre as conquistas estão a parceria para assistência técnica do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); a Feira de Sabores e Artes da Nossa Terra; parcerias com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Embrapa), que resultou na transferência de tecnologia para o município; a Familiarização do Turismo com o Circuito Turístico Serra da Mesa; Feira dos Sabores; Campanha de Preservação do Tucunaré, e o plantio de 200 ipês. (SEBRAE, 2016, on-line)

O Comitê Gestor do Pacto, também organizou o 1º Fórum do Agronegócio do Município de Niquelândia, com vistas a incrementar as possibilidades no setor, além de fomentar os segmentos de piscicultura, hortifruticultura e agropecuária leiteira.

Também é atribuída à articulação do Pacto, a criação da Cooperava de Flores, Frutos e Sementes do Cerrado (COOPERFLORA), Associação de Criadores de Aves de Postura, para incentivar a produção de ovos no município e o Projeto de Recuperação das Nascentes (em parceria com o Projeto Legado Verdes do Cerrado, do Grupo Votorantim).

Apesar das limitações, inerentes a qualquer processo institucional que demande recursos e envolva a discussão ou ainda a reorganização dos fatores reais de poder, o Pacto torna-se uma referência em termos de políticas públicas. Para além dos resultados estruturais estritos, em termos de marcos e realizações, a iniciativa consolida uma política participativa, suscitando um paradigma de cooperação e interlocução entre os atores sociais.

## CONCLUSÃO

A lógica de colonização e o neocolonialismo fez com que os países centrais tivessem a força política, militar e comercial necessárias para impor aos países periféricos os seus lugares na economia mundial.

Assim, às grandes potências capitalistas cabe o papel de indústrias de alta tecnologia produzindo os bens tecnológicos que se tornaram sinônimo de conforto no cotidiano da grande maioria das metrópoles do planeta.

Aos países periféricos ou em desenvolvimento cabe o papel de indústrias de baixa tecnologia ou produtos de origem primária, ou em estado bruto ou no mínimo grau de industrialização.

Essa dinâmica é produzida a partir da intervenção direta ou indireta de países centrais do capitalismo, e resulta em profundas desigualdades entre as nações do planeta.

Tal movimentação vem colocando o Brasil no papel de um grande fornecedor de *commodities* para o mundo. O Brasil é um grande exportador de minério bruto ou semibruto, petróleo bruto e produtos agrícolas com baixo valor agregado.

Na dimensão interna, esse processo também ganha contornos, de maneira que os estados brasileiros reproduzem lógica parecida. Há várias décadas, a elite paulista construiu os meios necessários para impor São Paulo como o “estado industrial”. Ao Rio de Janeiro coube a combinação de “capital cultural” com o “estado do petróleo”, e assim por diante. Nessa divisão, coube ao Estado de Goiás um papel agrominerador. Assim, Goiás contribui na Balança Comercial brasileira nas grandes safras de produtos agrícolas com baixo valor agregado, e também tem um papel relevante na produção de minério bruto ou semibruto.

Esse fluxo é bem típico aos Estados. Em suma, as capitais e regiões metropolitanas têm um papel importante no fornecimento de produtos e serviços com maior valor agregado, enquanto as zonas rurais destacam-se nos produtos de baixo valor agregado e mão de obra com pouca qualificação. Na conformação interna de Goiás, coube a Niquelândia o papel de um dos municípios mineradores mais importantes do Estado.

Mas a Crise Econômica Mundial de 2008 colocou um fim no terceiro superciclo das *commodities*, comumente chamado de “efeito China”, e fez cair

vertiginosamente os preços dos minérios resultando na suspensão das atividades da principal mineradora de Niquelândia e em consequências bem adversas para sua economia.

Os empregos formais de Niquelândia que tinham na mineradora sua principal fonte começaram a cair, a Prefeitura que tinha na atividade mineradora uma das fontes da sua arrecadação passou a enfrentar imensas dificuldades financeiras até em pagar a folha de funcionários e o comércio local que vivia basicamente de vender produtos e serviços para os trabalhadores da mineração e o funcionalismo municipal também começou a enfrentar dificuldades.

Mas o desafio de Niquelândia não é um caso isolado, o Brasil tem centenas de cidades que vivem da mineração, que são impactadas pelas oscilações de preços do mercado mundial, mas também pelo fim do ciclo da exploração dos minérios.

Cabe, portanto, uma estratégia de desenvolvimento de médio e longo prazo que seja capaz de planejar como o território vai potencializar os benefícios da mineração, construir maneiras de proteger o território frente às oscilações de preços do mercado mundial, ao mesmo tempo em que constrói e explora as potencialidades do Município para depois do fim do ciclo da exploração do minério.

Para essa estratégia é importante os atores locais do território se questionarem sobre algumas coisas: o que esse território já produz? O que compra de outros territórios? O que ainda não produz, mas poderia produzir? Por que as pessoas vêm para o território? É possível aumentar a produção daquilo que já é produzido ou agregar valor? É possível produzir o que atualmente se compra? É possível aumentar o fluxo de pessoas ou ampliar a sua permanência no território?

Essas perguntas simples podem contribuir para um processo de diagnóstico de iniciativas que façam o território escolher seus potenciais e agir para o seu desenvolvimento, dentro da caracterização que lhe coube no contexto da lógica do mercado.

Desde 2015, o Pacto de Cooperação pelo Desenvolvimento de Niquelândia, cumpre esse papel na Cidade. Governos, parlamentares, associações, empresas, entidades sindicais e patronais se unem para discutir iniciativas importantes, para que o município seja capaz de enfrentar a crise e construir alternativas para além da mineração.

Para o caso de Niquelândia, essa é uma iniciativa desafiadora. Toda a história do Município foi construída em torno do garimpo e da mineração, no portal da cidade está escrito “Bem vindo a Niquelândia, a Capital do Níquel” então a mineração está na sua própria identidade como território.

Mas a partir do momento em que os atores e atrizes locais identificam novos potenciais e novas possibilidades, se ampliam as possibilidades econômicas do Município e com isso um conjunto de experiências que podem servir de exemplos para outras cidades mineradoras do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AÇÕES do Governo, da Votorantim e da Prefeitura amenizam demissões. **Diário do Norte**, 25 jan. 2016. Disponível em: <

<http://www.jornaldiariodonorte.com.br/noticias/acoes-do-governo-e-da-votorantim-amenizam-demissoes-e-pelos-menos-350-empregos-deverao-ser-mantidos-25011803>>. Acesso em 23 dez. 2018.

ÁRABE, Carlos Henrique Goulart. Centro e periferia cinquenta anos depois. **Plural; Sociologia**. USP. S. Paulo, p. 186 e 187. 2003.

BERTRAN, Paulo. **História de Niquelândia**: do Distrito de Tocantins ao Lago de Serra da Mesa. Verano Editora, Brasília. 1998.

BLACK, Clarissa. Eventos relacionados ao superciclo de preços das Eventos relacionados ao superciclo de preços das commodities no século XXI. **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 67-78, 2013.

BRASIL. **COMEX vis**: Municípios. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-municipio?municipio=5214606>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

BRASIL. IBGE. **CAGED**: Perfil do Município. Disponível em: <[http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged\\_perfil\\_municipio/index.php](http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php)>. Acesso em: 22 out. 2018.

BRASIL. IBGE. **Panorama**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/niquelandia/panorama>>. Acesso em 22 out. 2018.

Coelho, T. P. Minério-dependência e alternativas em economias locais. **Versos - Textos para Discussão PoEMAS**, vol. 1, nº 3, p. 1-8. 2017.

COSTA, Leandro da. **Expansão do setor de serviços em Goiás**: configuração regional (1999-2008). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Ciências Econômicas, Goiânia, 2011.

COUTO, Joaquim Miguel. Raúl Prebisch e a concepção e evolução do sistema centro-periferia. **Revista de Economia Política**, vol. 37, nº 1, p. 65-87, 2017.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisa qualitativas**. Curitiba, Educar, n. 24, p 213-225, 2004.

ECONOMIA. In: **Dicionário online Michaelis**, 05 abr. 2018. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/economia/>>. Acesso em 05 abr. 2018.

ERTEN, B.; OCAMPO, J. A. **Super-cycles of commodity prices since the mid-nineteenth century**. UN/DESA Working Paper, New York, n110, p 1-27, Feb. 2012.



Disponível em < [http://www.un.org/esa/desa/papers/2012/wp110\\_2012.pdf](http://www.un.org/esa/desa/papers/2012/wp110_2012.pdf)>. Acesso em 02 abr. 2018.

FURTADO, J.; URIAS, E. **Recursos naturais e desenvolvimento**: estudos sobre o potencial dinamizador da mineração na economia brasileira. São Paulo: Ed. dos Autores/IBRAM, 2013. p. 231-239.

GOVERNADOR anuncia medidas para amenizar demissões da Votorantim, em Niquelândia. **Diário de Goiás**, 25 jan. 2016. Disponível em: < <https://diariodegoias.com.br/cidades/21977-governador-anuncia-medidas-para-amenizar-demissoes-da-votorantim-em-niquelandia>>. Acesso em 23 dez. 2018.

**IMF Primary Commodity Prices, Monthly Update – 2018** Disponível em: <<https://knoema.com/IMFPCP2015Apr/imf-primary-commodity-prices-monthly-update?tsld=1003700>>. Acesso em: 19 mai. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO (IBRAM). **A Força da Mineração Brasileira**. Brasília: 2012a. Disponível em: <http://www.ibram.org.br/sites/1300/1382/00002151.pdf> Acesso em: 19 mai. 2019.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **IMF Primary commodity prices**. [S.l.]: IMF. Disponível em: <<https://www.imf.org/external/np/res/commod/index.aspx>>. Acesso em: 10 set. 2018.

LUCRO. In: **Dicionário online Michaelis**, 05 abr. 2018. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lucro/>>. Acesso em 05 abr. 2018.

MAGALHÃES, Luiz Fernando; MARON, Marco Antônio Cordeiro. **Diagnóstico do Setor Mineral Goiano**. Ministério de Minas e Energia, Governo do Estado de Goiás. Goiás, fev. 2002. Disponível em: <[http://www.lapig.iesa.ufg.br/sgm/publicacoes/diag\\_aval/diag\\_setor\\_mineral.pdf](http://www.lapig.iesa.ufg.br/sgm/publicacoes/diag_aval/diag_setor_mineral.pdf)>. Acesso em: 13 mai. 2018.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. **Pesquisa e educação especial: mapeando produções**. Vitória: UFES, 2006, p. 361-386.

MELO VAZ, Ludimília Justino de. **Memória da Pedra Talhada**: arte rupestre de Niquelândia – GO. Goiânia, 2005. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, GO.

**Mineral commodity Summaries - 2018** Disponível em: <<https://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/mcs/2018/mcs2018.pdf>>. Acesso em 22 abr. 2018

PESCHANSKI, João Alexandre. **Capitalismo, uma definição**. Blog da Boitempo. 2012. Disponível em < <https://blogdaboitempo.com.br/2012/05/21/capitalismo-uma-definicao/>>. Acesso em 29 mar. 2018.

PREBISCH, Raúl. **O Desenvolvimento Econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais**. Disponível em <<http://archivo.cepal.org/pdfs/cdPrebisch/003.pdf>>. Acesso em 13 mai. 2018.

RIOS, Sebastião; VIANA, Talita. **Congada de Santa Efigênia de Niquelândia – GO: a festa, cantos e danças**. Disponível em: <[https://performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/Sebastiao\\_Talita\\_Congada\\_RIOS\\_\\_\\_Talita\\_20\\_ogs.docx](https://performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/Sebastiao_Talita_Congada_RIOS___Talita_20_ogs.docx)>. Acesso em 10 abr. 2018.

RODRIGUES, Fainy. **Pacto de Niquelândia: Grupo de Participação Comunitária de Niquelândia**. 20 dez. 2017. 43 slides. Material apresentado enquanto resultados preliminares para elaboração de Planejamento Estratégico de 2018 em reunião do Pacto de Cooperação pelo Desenvolvimento de Niquelândia.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia**. 1 ed. São Paulo: Editora Best Seller, p. 635. 1990.

SANTOS, Theotônio dos. A Estrutura da Dependência. **Revista Soc. Bras. Economia Política**, São Paulo, nº 30, p. 5-18, outubro, 2011.

SCANDIZZO, Pasquale L.; DIAKOSAWAS, Dimitris. Prefácio. In: HJORT, H. W. Instability in the terms of trade of primary commodities, 1900-1982. **FAO economic and Social Development Paper 64**. 1987.

SEBRAE. **Pacto de Niquelândia promove desenvolvimento na cidade**, 05 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/asn/uf/GO/pacto-de-niquelandia-promove-desenvolvimento-na-cidade,7cd834fae3fc8510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em 23 dez. 2018.

STRAUCH, J. C. M. et al. Grandes mineradoras e a comunidade em Niquelândia (GO). In: **Recursos minerais & sustentabilidade territorial**. Grandes minas. Rio de Janeiro: CETEM/MCTI, 2011. v.1. p. 135-162.

UNCTAD. **The State of Commodity Dependence 2014**. Disponível em: <[http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/suc2014d7\\_en.pdf](http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/suc2014d7_en.pdf)>. Acesso em 12 jan. 2019.

VOTORANTIM METAIS. Pioneirismo na América Latina. **Negócios VM**, 2007. Disponível em: <<http://www.vmetais.com.br/ptbr/negociosVM/niquel/Paginas/niquel.aspx>>. Acesso em: 13 mai. 2018.